

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA DE ALMEIDA CARVALHO

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO “CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO”:  
ALCANCES E LIMITES DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO  
DE SOCIOLOGIA

CURITIBA/PR

2020

FERNANDA DE ALMEIDA CARVALHO

A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO “CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO”:  
ALCANCES E LIMITES DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO  
DE SOCIOLOGIA

Texto apresentado como requisito para  
defesa e conclusão do Mestrado Profissional  
do Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia, Setor de Ciências Humanas, da  
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Alexandro Dantas  
Trindade

CURITIBA/PR

2020

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Carvalho, Fernanda de Almeida

A experiência formativa do “Café Filosociológico” : alcances e limites de uma intervenção pedagógica para o ensino de sociologia. / Fernanda de Almeida Carvalho. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado Profissional em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Alexandro Dantas Trindade

1. Sociologia (Ensino médio) - Estudo e ensino. 2. Sociologia – Prática de ensino 3. Educação – Projetos – Colombo (PR). I. Trindade, Alexandro Dantas, 1973-. II. Título.

CDD – 301.07



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA EM REDE  
NACIONAL - 25016016039P8

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado Profissional de **FERNANDA DE ALMEIDA CARVALHO**, intitulada: **A EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO 'CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO': ALCANCES E LIMITES DE UMA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA**, sob orientação do Prof. Dr. **ALEXANDRO DANTAS TRINDADE**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 11 de Março de 2020.

ALEXANDRO DANTAS TRINDADE  
Presidente da Banca Examinadora

FAGNER CARNIEL  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ)

EVERTON RIBEIRO  
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO PARANÁ - IFPR)

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Wilma e Elias, meus irmãos Alan e Beatriz, que mesmo distantes fisicamente sempre me apoiaram de maneira incondicional em todos os momentos da minha formação profissional.

Aos meus amigos, Ana Paula Ferreira da Silva, Aline D'agostin, Everton Ribeiro e Vanessa Poteriko, por todo o incentivo nessa caminhada, incentivo inclusive em que eu participasse do processo de seleção do mestrado.

À Universidade Federal do Paraná, instituição na qual cursei a minha segunda licenciatura em Sociologia pelo Programa de Formação de Professores, (PARFOR), e agora pela grandiosa oportunidade de fazer parte da primeira turma do Mestrado Profissional em Rede, (PROFSOCIO).

Aos professores que fizeram e fazem desse Mestrado um ambiente não só de aprendizagem e formação acadêmica, mas de troca de experiências, um espaço de debate, diálogo e acolhida. Em especial ao meu orientador Professor Alexandro Dantas Trindade.

A todos aqueles que compõem, somam, lutam pela escola pública, aos meus colegas de trabalho: diretores, professores, equipe pedagógica e funcionários, de forma carinhosa aos professores Luiz Aparecido Alves de Souza e Taysa Cristina Bedak Junkes e aos diretores de escola Josiane Hoogevoonink e Rafael Assis.

Por fim, o maior agradecimento é para aqueles que deram e dão sentido profissional a última década da minha existência (em março de 2020 completo 10 anos de docência): meus alunos, ex-alunos, adolescentes e jovens que passaram por minhas aulas, que aprenderam, mas que também muito me ensinaram.

Essa etapa da minha formação é dedicada a vocês, estudantes do Ensino Médio oriundos da escola pública, que anseiam por uma educação de qualidade e que acreditam que o ensino da Sociologia é fundamental para uma formação humana, voltada para emancipação, autonomia e pensamento crítico e que acreditam que a escola pública pode e deve ser inclusiva, democrática, laica, gratuita e que respeite as pluralidades de pensar e existir.

*Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.*

Paulo Freire



## **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo implementar e analisar o projeto de intervenção pedagógica intitulado “Café Filosociológico” no Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln, no município de Colombo. Pretende-se observar qual a contribuição dessa prática para a formação de um pensamento crítico acerca do ensino de Sociologia no Ensino Médio. O Projeto compreende uma abordagem interdisciplinar, uma vez que a Sociologia perfaz imbricações com múltiplas áreas do conhecimento no âmbito das Ciências Humanas e as interlocuções desenvolvidas nessas interfaces possibilitam a complexidade e o enriquecimento de conhecimento. Nesse sentido, essa proposta de intervenção pedagógica contribui para uma forma de aprendizagem que incorpora uma riqueza considerável de perspectivas e paradigmas explicativos diversos, bem como uma variedade de explicações acerca das relações sociais tão necessárias para o alcance da autonomia intelectual e a prática da cidadania.

Palavras-chave: Café Filosociológico, Ensino Médio, Reformas Educacionais

## **ABSTRACT**

The present work has the aim to implement and analyze the design of a pedagogical intervention entitled “Café Filosociológico” at the College of the State for Presidente Abraham Lincoln, in the county of Colombo. We want to see what is the contribution of this practice to the training of thinking critically about the teaching of sociology in high school. The Project also includes an inter-disciplinary approach, once again, that sociology makes it overlaps with several areas of knowledge in the field of the Humanities and the social Sciences, the interactions developed in these the knowledge in the field of the Humanities and the social. Sciences, the interactions developed in these interfaces allow for the complexity and diversification of the knowledge base. In this sense, the proposal of the pedagogic intervention that contributes to a form of learning that incorporates a wealth of perspectives and paradigms to explain the various, as well as a wide variety of explanations about the social relationships which are so necessary for the achievement of intellectual autonomy and the exercise of citizenship.

Keywords: Café filosociológico; High School, Education Reform.



## SUMÁRIO

<b>Capítulo 1</b>	
<b>CONTEXTUALIZANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA</b>	<b>9</b>
1.1. O ensino da sociologia na educação básica	12
<b>Capítulo 2</b>	
<b>A TRAJETÓRIA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3</b>	
<b>X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO (2018): “A ESCOLA QUE QUEREMOS”</b>	<b>24</b>
3.1. Justificativa	24
3.2. Disciplinas e conteúdos	27
3.3. Objetivo geral	27
3.4. Objetivos específicos	27
3.5. Metodologia	28
3.6. Avaliação	32
3.7. Recursos	36
3.8. Inscrição	36
3.9. Comissão organizadora	36
<b>Capítulo 4</b>	
<b>RESULTADOS DA IMPLEMENTAÇÃO</b>	<b>38</b>
<b>Capítulo 5</b>	
<b>O PAPEL DO CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO NO CONTEXTO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO</b>	<b>51</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>59</b>
REFERÊNCIAS	62
APÊNDICES	65
ANEXOS	69

## **CAPÍTULO 1**

### **CONTEXTUALIZANDO UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PEDAGÓGICA NO ENSINO DE SOCIOLOGIA**

Como forma de contextualizar essa experiência de formação pedagógica no ensino de sociologia, creio ser importante apresentar, preliminarmente, parte da minha trajetória acadêmica e sócio-profissional.

Inicialmente, obtive minha primeira formação no Curso de Licenciatura em História, concluída no ano de 2010, quando ainda residia no interior do Estado do Paraná.

Ao me mudar para a região metropolitana de Curitiba em busca de oportunidades de aulas para exercer a docência, percebi a carência de professores da disciplina de Sociologia, uma vez que havia poucos formados na área. A estratégia do governo do Estado naquela época, entre 2008 a 2014, foi de que os professores, que em suas formações iniciais tivessem cursado no mínimo 120 horas de Sociologia, pudessem lecionar a disciplina. Assim, temporariamente, o Estado amenizaria a falta de professores de Sociologia nas escolas públicas.

Eu me enquadrava nessa normativa, pois ao longo da Licenciatura em História havia tido algumas breves discussões no campo da Sociologia. Porém, ao lecionar uma disciplina para a qual não tinha formação, me sentia insegura, carente de conteúdo, de discussões teóricas, de referenciais bibliográficos, entre tantas outras demandas que o saber sociológico necessita para se fazer presente de forma satisfatória em sala de aula.

Por meio de um cartaz colado em uma das escolas de Colombo que lecionava em 2013, soube do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR<sup>1</sup>) sendo uma ação da CAPES que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

Os objetivos do PARFOR são:

---

<sup>1</sup> <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>.

- Induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício nas redes públicas de educação básica, para que estes profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB;
- Promover a articulação entre as instituições formadoras e as secretarias de educação para o atendimento das necessidades de formação dos professores, de acordo com as especificidades de cada rede. Contribuir para o alcance da meta 15 do PNE, oferecendo aos professores em serviço na rede pública, oportunidade de acesso à Formação específica de nível superior, em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam;
- Incentivar o desenvolvimento de propostas formativas inovadoras, que considerem as especificidades da formação em serviço para professores da educação básica, buscando estratégias de organização de tempos e espaços diferenciados que contemplem esses atores;
- Estimular o aprimoramento dos Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) das licenciaturas, tendo por base as experiências observadas nas turmas especiais implementadas.

Inscrevi-me no programa, cumpri os pré-requisitos e no mesmo ano ingressei no curso de segunda licenciatura em Sociologia. Costumo dizer que o PARFOR foi um “divisor de águas” na minha formação. Primeiramente, por ter sido um curso extremamente articulado com o currículo dos conteúdos da educação básica, e com isso dialogar com os professores da rede pública estadual, nos deixando mais próximos ao ensino da sociologia e aptos a lecionar essa disciplina. Em segundo lugar, pelo fato da Secretaria de Educação, a partir de 2014, ter estabelecido uma resolução que os professores só poderiam atuar em disciplinas que tivessem formação. Desde então só leciono Sociologia, nas três séries finais do ensino médio e também no Curso de Formação de Docentes, também conhecido como magistério. Atuo em Colégios da periferia de Colombo e também em um outro localizado na área central, nos períodos matutino e noturno.

O meu vínculo empregatício com o Estado se dá por meio do Processo Seletivo Simplificado (PSS), isso faz com que a rotatividade de colégios nos quais atuo mude consideravelmente de um ano para outro. Trata-se de um modelo contratual relativamente precário, pois impede o professor temporário de ter acesso ao plano de saúde, por exemplo, e não prevê afastamentos para formações como mestrado, doutorado, intercâmbio, entre outros.

Mesmo em meio a esse contexto, acredito que a formação contínua dos professores é de extrema importância para a prática docente, para a manutenção de uma aula e para um ensino público de qualidade.

No final de 2017 soube do PROFSOCIO,<sup>2</sup> o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, que tem como objetivo propiciar um espaço de formação continuada para os professores de Sociologia que atuam na Educação Básica, ou àqueles que desejam atuar nesta área, inseridos em uma rede nacional de produção de metodologias de ensino e de pesquisa acerca das Ciências Sociais e Educação.

Em 2018, ingressei no Mestrado Profissional, sendo um dos momentos mais importantes do meu processo formativo. O PROFSOCIO dialoga com o ensino da sociologia que se faz presente na educação básica. As aulas, leituras, produções de trabalho são voltadas para a nossa prática pedagógica e docente, e é uma forma de aproximar a escola pública da Universidade (algo extremamente importante e necessário) enfatizando, é claro, que mesmo o programa visando atender a essas especificidades ele não perde o caráter acadêmico e científico.

Dentre as modalidades de trabalho de conclusão de curso optei pela intervenção pedagógica. Anseio que, em um futuro próximo, professores, principalmente de sociologia, possam se apropriar desse material e perceber o quanto atividades diferenciadas podem ser enriquecedoras como prática docente e, sobretudo, adaptadas, reformuladas em razão da realidade de cada escola.

---

<sup>2</sup> O Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) tem o objetivo de propiciar um espaço de formação continuada para os professores de Sociologia que atuam na Educação Básica, ou àqueles que desejam atuar nesta área, inseridos em uma rede nacional de produção de metodologias de ensino e de pesquisa acerca das Ciências Sociais. O PROFSOCIO é um mestrado profissional oferecido gratuitamente, em nível de pós-graduação stricto sensu, reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação (MEC). <https://profsocio.ufc.br/>.

### 1.1. O Ensino da Sociologia na educação básica

Como uma forma de despertar o interesse pela Filosofia e Sociologia no Currículo Escolar da Educação Básica após o seu retorno, a partir da Resolução nº 4 de 16 de agosto de 2006, com a inclusão das disciplinas de Filosofia e de Sociologia na modalidade de Ensino Médio, as instituições de ensino foram instadas a pensar ações que viabilizassem metodologias de ensino e espaços nos quais as discussões sociológicas se afirmassem com a legitimidade do campo de conhecimento perante o alunado e a comunidade escolar.

Para Costa Pinto (1949), a educação é um processo social, aquele pelo qual a sociedade transmite às gerações novas seu patrimônio de cultura, técnicas e informações, habilidades específicas e formas de comportamento, valores e normas, perspectivas e aspirações, ideias e ideais. Nesse processo, a sociedade e a cultura se perpetuam através das gerações sucessivas e os indivíduos se integram, por sua vez, no estado cultural e na organização social.

A educação como função e como processo, corresponde a escola, como instituição ou órgão dentro do qual se desloca formal e sistematicamente a socialização da personalidade. A sociedade como um todo, cria uma “atmosfera educativa” dentro da qual a educação, mesmo fora de seu ambiente específico que é a escola, está em permanente *processus*; a escola porém, é a agência que foi engendrada pela sociedade quando atingiu certo grau de complexidade e de especialização de funções, para realizar a tarefa de transmitir: o legado cultural. (PINTO, 1949)

A iniciativa de legitimar a Sociologia e a Filosofia no Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln, em Colombo - PR, nasceu no ano de 2009, após reuniões e inquietações do grupo de professores de disciplinas que se inserem na área de Humanas, em pensar um espaço aglutinador que transpusesse o espaço da sala de aula. Desta feita, a ideia de discutir temas de Sociologia que partissem da necessidade dos alunos e que atendessem seus interesses em formato de café, não é uma experiência inédita original, haja vista que esse formato já existe em diferentes realidades educacionais no Brasil.

Alguns exemplos dessas intervenções em formato de “Café Filosociológico” ocorrem no Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBEJA) Paulo Freire, em Curitiba - PR; Colégio Estadual Luiz Sebastião Baldo, em Colombo-PR; Colégio Montessoriano, Salvador - BA, dentre outros.

Os professores que lecionavam Sociologia e Filosofia no ano de 2009 fizeram, junto a seus alunos, uma enquete sobre quais interesses teriam em discutir temas filosóficos, e foi definido em discussão com a coordenação da época, que a grande demanda de nossos alunos tinha a ver com a preparação para o ingresso nos vestibulares de duas instituições de ensino superior na capital: Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Definiu-se então que o repertório de discussão no formato de café seria em torno de obras sociológicas e filosóficas que seriam contempladas no vestibular daquelas instituições de ensino.

A edição comemorativa de dez anos desse projeto foi o objeto de estudo desse Mestrado. Sua implementação e seus principais resultados foram analisados em suas dimensões sociais, políticas, históricas e pedagógicas, com a temática “A escola que queremos”. Tema este escolhido pelos alunos através de uma enquete no site do Café Filosociológico<sup>3</sup>.

As edições do Café Filosociológico buscam problematizar questões no terreno sociológico, histórico e filosófico, bem como nas demais disciplinas que passaram a desenvolvê-lo como atividade interdisciplinar tais como: Arte, História, Língua Portuguesa e os desafios sócio educacionais da atualidade.

Dentre os desafios propostos pelo evento, um primeiro aspecto foi expor e analisar as obras discutidas e transpô-las numa linguagem mais acessível ao público formado por jovens estudantes do ensino médio. Complementarmente a essa iniciativa, discutir o papel da Sociologia e da Filosofia frente às demandas cotidianas.

De acordo com Antônio Candido (1949), um dos principais objetivos do ensino da Sociologia é munir o estudante de instrumentos de análise objetiva da realidade social, e complementarmente a isso, sugerir-lhe pontos de vista mediante os quais possa compreender o seu tempo, bem como as normas com as quais poderá construir a sua atividade na vida social.

Assim, o Ensino de Sociologia deveria possibilitar a compreensão da realidade bem como técnicas para a análise dessa realidade. Segundo Candido,

---

<sup>3</sup> Este site permanece ativo, mantido com o objetivo de divulgar projetos e atividades desenvolvidos pelos professores de Sociologia, Filosofia e História do Colégio Presidente Abraham Lincoln, bem como informações sobre vestibular, processos seletivos, entre outros, que venham a interessar os estudantes do Ensino Médio. Para mais informações acessar: [www.cafefilosociologico.com.br](http://www.cafefilosociologico.com.br).

o sociólogo moderno (que se espera poder brotar do estudante) não é um filósofo nem um político; é um cientista cuja vocação deve, porém, englobar uma e outra posição, fundindo-as na sua orientação específica. O ensino da sociologia que visa formar pesquisadores, professores ou iniciar estudantes não especializados no ponto de vista sociológico, deve assim, incluir no aluno: (a) certas atitudes de compreensão da realidade, tendendo-a a uma certa visão do homem, (b) certas técnicas de análise da realidade, que se perfaz na pesquisa e na interpretação científica (CANDIDO, 1949, p.279)

O sentido do discurso sociológico implica na aproximação do universo contextual do sociólogo que produz a obra atendendo demandas de seu tempo com o universo contextual dos sujeitos do tempo presente e suas demandas.

Assim, o projeto do Café Filosociológico compreende a interdisciplinaridade, na medida em que a Sociologia perfaz imbricações com múltiplas áreas do conhecimento no âmbito das Ciências Humanas, e as interlocuções desenvolvidas nessas interfaces possibilitam a complexidade e o enriquecimento de conhecimento e portanto, de aprendizagem, resultando para os estudantes uma riqueza considerável em ter que aprender a lidar com perspectivas e paradigmas explicativos diversos, bem como com a multiplicidade de relações sociais tão necessárias para o alcance da autonomia intelectual e a prática da cidadania.

A disciplina Sociologia, no Ensino Médio, tem travado uma luta no interior da instituição educacional por um melhor reconhecimento, abrindo mecanismos para a valorização da disciplina.

A Escola, a organização das atividades letivas, o espaço (tanto físico como intelectual) que o professor detém reflete esse momento da disciplina na Escola, ou seja, dessa luta por espaços iguais. E esse contexto reflete também nas percepções que os alunos têm tanto da disciplina como da Escola.

Florestan Fernandes (1977) em seu texto “O Ensino da Sociologia na Escola Secundária Brasileira”, já elegia o ensino de sociologia como uma das formas de divulgação dos conhecimentos sociológicos e para a formação de indivíduos mais capazes de integrar civicamente a sociedade, ou seja, indivíduos mais conscientes de seus direitos e deveres de cidadão. De acordo com Fernandes (1954):

De todas, a preocupação comum, e esse é o escopo do ensino da sociologia na escola secundária, é estabelecer um conjunto de noções básicas e operativas capazes de dar ao aluno uma visão não estática e nem dramática da vida social, mas que lhe ensine técnicas e lhe suscite atitudes mentais capazes de leva-lo a uma oposição objetiva diante dos fenômenos sociais, estimulando-lhe o espírito crítico e a vigilância intelectual que são social e psicologicamente úteis, desejáveis e recomendáveis numa era que não é



mais de mudança apenas, mas de crise, crise profunda e estrutural.  
(FERNANDES, 1954, p. 103)

Ele afirma que todo o sistema educacional brasileiro poderia concorrer para o fim de desempenhar um papel construtivo na formação da consciência dos cidadãos, contribuindo para criar uma ética de responsabilidade e uma atitude de autonomia crítica em face do funcionamento das instituições políticas ou das injunções personalistas dos mandatários do poder. Contribuindo especificamente as Ciências Sociais para a formação de atitudes cívicas e para a constituição de uma consciência política definida em torno da compreensão dos direitos e dos deveres dos cidadãos (FERNANDES, 1954. p. 103).

Segundo Simone Meucci (2015), a Sociologia juntamente com a Filosofia, foi considerada fundamental para a formação de jovens portadores de valores democráticos. Todo o empenho para a reinserção da sociologia no currículo ocorreu simultaneamente aos esforços de transformação do ensino médio em direito de todo cidadão e obrigação do Estado.

A sociologia se transformou assim, num conhecimento que se refere a um modo próprio de ver o social e também a uma técnica própria de tomada de decisões e de produção de conhecimento. Antes a sociologia na escola era um projeto das elites que se apropriavam das escolas e monopolizavam ali uma explicação da vida social. No novo século a sociologia é uma ciência que, no ambiente escolar, mais universalizado, tem como desafio o discurso das elites conservadoras: seja em seu conteúdo de crítica ao neoliberalismo, seja em seu conteúdo emancipador da sexualidade e da religiosidade (dois temas especialmente sensíveis) (MEUCCI, 2015, p.259).

Entre 2004 e 2006 registra-se uma política de formação continuada destinada especialmente aos docentes do quadro do magistério da rede estadual de educação do estado do Paraná, para o debate do currículo escolar. Este debate configurou-se inicialmente no espaço escolar, envolvendo todas as áreas do conhecimento e seus componentes curriculares. Nos anos de 2007 e 2008, no âmbito da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, o debate transcendeu o espaço escolar e se arregimentou no coletivo com outras escolas. Desses debates materializaram-se as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs), por disciplina, expressando os fundamentos teóricos e os aspectos metodológicos.

A Sociologia no Ensino Médio do Paraná, assim como no âmbito nacional, desde sua implantação no currículo escolar, tem enfrentado controvérsias, discussões para sua fixação como disciplina tradicional - pedagógica. Pode-se, contudo, afirmar

que os debates instaurados, seja com a comunidade escolar, ou no plano das forças políticas de governo, tem-se caminhado para sua consolidação.

Nesse sentido, a Sociologia no Ensino Médio no Estado do Paraná, de acordo com as Diretrizes Curriculares Estaduais (DCEs), tem se desenvolvido de forma contextualizada e histórica, relacionada ao conceito de interdisciplinaridade, no qual as disciplinas dialogam entre si com o objetivo de adentrar o conhecimento do real, superando também a fragmentação entre as disciplinas, quebrando conceitos entre Ciências Humanas e Ciências Exatas, buscando também inserir os processos de globalização como parte integrante do conhecimento escolar. Tal concepção, se praticada, constrói uma escola mais participativa, gerando um fortalecimento de formas democráticas de participação e aprendizado, inserindo o aluno em uma prática de debate de questões sociais, com a tratativa de temas atuais globalizados, fazendo despertar o interesse dos estudantes.

Ileizi Silva (2007) afirma que é nas reformas políticas do Estado que ocorrem, como fruto das disputas ideológicas, dos interesses das classes sociais, e em torno de projetos que contam com a influência dos intelectuais, das teorias sociais e políticas, recomposições do campo acadêmico e do campo científico. Neste sentido, a sociologia como campo disciplinar no currículo do ensino médio no estado do Paraná teve os seus reveses, como constata a autora, citada no texto das DCE-Sociologia:

(...) se, em 1997 e 1998, a disciplina foi incluída na base nacional comum dos currículos e introduzida também nas escolas, em 2000, a determinação da diminuição da carga horária total das aulas semanais, fez com que a Sociologia fosse uma das primeiras disciplinas a ser extinta ou a ter sua carga horária diminuída. Em 2001, a Sociologia foi retirada da base nacional comum e voltou a compor a parte diversificada do currículo escolar, reduzindo em cerca de 30 a 40% o número de escolas que ofertavam a disciplina. (...) Em 2002 e 2003 a disciplina de Sociologia se manteve em 50% das escolas paranaenses que, a partir de 2005, recebem professores concursados em 2004 (...) situação reforçada pela entrada de sociólogos no quadro próprio do magistério da Rede Estadual de Ensino. (PARANÁ, p.53)

Desse modo, compreende-se que a trajetória do ensino da Sociologia, tanto em âmbito estadual como nacional, foi caracterizada pela descontinuidade e desvalorização que dificultaram a consolidação dessa disciplina no currículo escolar. Assim, entende-se que o Projeto Interdisciplinar Café Filosociológico, tem-se desenvolvido, na circunscrição da escola pública, como esforço teórico-metodológico em corroborar para que essa consolidação ocorra.

Cabe explicitar que o Projeto Interdisciplinar Café Filosociológico, consta no Projeto Político Pedagógico (PPP) do colégio e, dessa forma, assume parte integrante da estrutura curricular do certame didático-pedagógico, assumido pela instituição escolar.

As diretrizes Curriculares do Ensino de Sociologia, ao citar Frigotto (2004) vem mostrar o início dessa resposta:

(...) os sujeitos da Educação Básica, crianças, jovens e adultos, em geral oriundos das classes assalariadas, urbanas ou rurais, de diversas regiões e com diferentes origens étnicas e culturais, devem ter acesso ao conhecimento produzido pela humanidade que, na escola, é veiculado pelos conteúdos das disciplinas escolares. Assumir um currículo disciplinar significa dar ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento, pois essa função da instituição escolar é especialmente importante para os estudantes das classes menos favorecidas (...). (ibid., p. 14).

A característica central do Projeto Interdisciplinar Café Filosociológico tencionou-se em torno da consolidação do ensino da Sociologia e da Filosofia na versação de temas e problemas filosóficos e sociológicos, na leitura dos clássicos na metodologia da interdisciplinaridade. Lopes & Macedo (2002) afirma que

As relações interdisciplinares evidenciam, por um lado, as limitações e as insuficiências das disciplinas em suas abordagens isoladas e individuais e, por outro, as especificidades próprias de cada disciplina para a compreensão de um objeto qualquer. Desse modo, explicita-se que as disciplinas escolares não são herméticas, fechadas em si, mas, a partir de suas especialidades, chamam umas às outras e, em conjunto, ampliam a abordagem dos conteúdos de modo que se busque, cada vez mais, a totalidade, numa prática pedagógica que leva em conta as dimensões científica, filosófica e artística do conhecimento. (Ibid, p. 112)

O estudo dos clássicos remete à apropriação do que se compreende da escola e das políticas públicas pelas quais se encontra inserida. Segundo Arco-Verde (2009):

uma escola que tem no conhecimento, a base da ação pedagógica; no trabalho coletivo, a possibilidade de avanços científicos, culturais, tecnológicos e artísticos; na reflexão crítica, o rompimento de concepções pragmáticas e utilitaristas do mundo contemporâneo do mercado; na valorização dos profissionais da educação, a crença na viabilidade de construção de um projeto de mundo, que alicerça a democracia entre os homens. (Ibid, p. 4)

Deste modo, ao ter contato com a leitura de textos clássicos no processo de ensino-aprendizagem, recorda-se de Calvino (1993), para quem “ler os clássicos serve para entender quem somos e aonde chegamos (...)” e, afirma que, “enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. 'Para que lhe servirá? ', perguntaram-lhe. 'Para aprender esta ária antes de morrer'". (Ibid, p. 16).

Nesse sentido, de modo a alinhar os saberes científicos à prática docente, o Café Filosociológico tornou-se um projeto realizado anualmente. A cada ano, ele passa por reestruturações visando a atender as demandas sócio educativas emergentes no contexto específico da escola.

A décima edição de 2018 do Café Filosociológico teve como tema central “A ESCOLA QUE QUEREMOS”. O tema se justifica e amadurece por entender que a educação posta nos processos históricos, sempre foi campo de disputa e de lutas e, que tem aglutinado gerações de estudantes e professores ao longo do século XX e nas primeiras décadas do século XXI em defesa da escola pública, laica e gratuita.

Como exemplo da complexa relação entre o contexto socio-histórico mais amplo e os debates nos espaços escolares, passo a narrar aqui alguns aspectos históricos entre os anos 2015 e 2018, os quais teriam motivado, direta ou indiretamente, a própria concepção do Café Filosociológico.

Assim, desde a histórica Greve Geral dos trabalhadores, sobretudo os da Educação, e que culminou no conhecido episódio do “Massacre do Centro Cívico” (isto é, a forte repressão promovida pela Polícia Militar e que resultou em mais de 200 pessoas feridas no dia 29 de abril de 2015), tivemos um processo de mobilização tanto de professores como de estudantes, em torno de reivindicações tanto salariais como de concepção de ensino público.

Em 2015, aquela Greve Geral foi motivada, no Paraná, pelas discussões em torno da reestruturação do ParanaPrevidência, cuja proposta do Governo Estadual previa a transferência de cerca de 30 mil aposentados com mais de 73 anos do Fundo Financeiro, bancado pelo governo estadual, para o Fundo Previdenciário, formado por contribuições dos servidores e do estado.

Com isso, havia a ameaça de se gerar um déficit no Fundo Previdenciário, reduzindo a capacidade de o Paraná Previdência (formado pelos dois fundos) se manter estável de 57 para 29 anos. Para garantir a votação, o governo estadual montou uma verdadeira fortaleza em volta da Assembleia Legislativa do Paraná

(Alep). Esses ataques foram seguidos, de outros: redução da hora-atividade, não pagamento da data-base e de progressões, perseguições a professores, educadores e diretores, entre outros.

No segundo semestre de 2016, estudantes do Ensino Médio do Paraná e de outros estados da federação, ocuparam suas escolas em protesto contra a Medida Provisória nº 746, de setembro de 2016, e agora Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, que institui mudanças no nível Médio de Ensino da Educação Básica, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e a Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, a Lei do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB. Protestavam, também, contra a Proposta de Emenda Constitucional nº 55 de 2016, (ou PEC dos Gastos) que fixou um teto das despesas primárias da União pelo período de 20 anos. Esses estudantes, ao ocuparem suas escolas, reivindicaram ser ouvidos quanto à reforma de ensino que os atingia.

Diante desse cenário conflituoso, que se agravou com a publicação da medida provisória nº 746, alterando drasticamente a organização do ensino médio e retirando a obrigatoriedade de disciplinas como sociologia e filosofia, a questão das dimensões públicas do conhecimento produzido pela área parece retornar com força suscitar uma agenda diversificada de pesquisas para a área (...) Nossos saberes estariam destinados a virar “peças de museu” na história da educação brasileira? (CARNIEL, BUENO, 2018)

Assim, a cada crise de reestruturação do capital, busca-se redefinir a educação que lhe convém para a superação dos seus históricos dilemas de reprodução e manutenção dos níveis de acumulação.

No caso da sociologia a interpretação corrente sobre sua presença\ausência na escola média se deveria a contextos historicamente marcados: em períodos democráticos, a sociologia está presente, em períodos autoritários, ela está ausente. Nossa hipótese é de que essa interpretação decorre da perspectiva dos que são a favor da obrigatoriedade da disciplina, que dizem que a sociologia, por ser crítica, é uma ameaça ao regime, sendo então excluída. (MORAES, 2011)

O Ensino Médio, imposto pela Lei nº 13.415/2017, não interessa aos trabalhadores pela razão de que lhes limita a uma formação aligeirada, fragmentada e ao atendimento imediato para o mercado de trabalho, aliando, dessa forma, a condição de manterem sua reprodução social e as possibilidades de emancipação humana. É nessa processualidade histórica que entendemos que a ESCOLA QUE

QUEREMOS não é a que querem impor por força da lei à classe trabalhadora que frequenta a Escola Pública.

## **CAPÍTULO 2**

### **A TRAJETÓRIA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO**

O Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln foi criado em 1959 com o principal objetivo de atender aos alunos da área rural do município de Colombo. O Colégio funciona nos três turnos, oferece o ensino médio regular e o curso de formação de docentes, possui 59 turmas, totalizando 1769 alunos (dados de 2018). A comunidade escolar é diversa, porém a maioria é formada por filhas e filhos de pequenos agricultores, produtores de verduras hidropônicas. Os alunos do ensino médio têm como característica serem estudantes/trabalhadores ajudando a família na produção rural, e essa questão fica mais evidente nos alunos do ensino médio do período noturno.

O projeto interdisciplinar Café Filosociológico teve sua primeira organização em 2009, abrangendo a disciplina somente de filosofia, por isso Café Filosófico, focado em contextualizar as obras de Filosofia do repertório do vestibular de 2010 da Universidade Federal do Paraná (UFPR), oportunizando reflexões e questionamentos no campo epistemológico e ético-político.

O segundo evento (2010) manteve o foco na filosofia, trabalhando as obras de Platão, René Descartes, Jean Jacques Rousseau e Maurice Merleau Ponty, assim propiciando uma discussão de conceitos de Política, Método, Sociedade e Razão, estabelecendo relações históricas com o tempo presente.

O terceiro Café (2011) é o inovador, pois passa a ser Café Filosófico e Sociológico, desta forma buscando legitimar as disciplinas de Filosofia e Sociologia, junto às demais disciplinas do currículo do ensino médio com o tema “Ética, Política, Cultura, Sociedade e Método: um encontro entre a Filosofia e a Sociologia”, com o objetivo de estabelecer debates sobre as temáticas específicas das disciplinas, com espaço destinado para exposição de ideias e questionamentos, devido ao formato de simpósio.

A quarta edição do evento (2012) abordou o tema: “Mas eu, quem sou? Indivíduo sujeito, consciência de si”, propiciando uma discussão interdisciplinar, com trânsito pela Filosofia, Sociologia, História, Arte e Língua Portuguesa, como orienta as Diretrizes Curriculares de Sociologia, utilizando-se de diferentes recursos didáticos, como: charges, poesias, expressões corporais e musicais, por exemplo.



O quinto Café Filosociológico (2013) vem fundamentado no diálogo com outras áreas do saber, apresentando o tema: “A condição do sujeito no Brasil: você é Alienado, Alienante ou Alienista? Qual sua posição social?” Trazendo os clássicos Immanuel Kant, Karl Marx, Antonio Gramsci, Florestan Fernandes e questões como diversidade sexual e relações étnico-raciais.

A sexta edição do evento (2014) trouxe a temática “Territorialização do poder: imperialismo e globalização”, e que, ao ser problematizada, obteve a atenção dos estudantes, pois demonstraram interesse para realização do debate. Assim, contemplaram-se obras de Thomas Hobbes e Jean-Jacques Rousseau, Pierre Bourdieu, Eric Hobsbawm, Alfredo Bosi, Pablo Picasso, Kabengele Munanga e Edith Modesto.

O sétimo Café (2015) com o tema “As múltiplas faces da violência”, buscou promover reflexões sobre as formas em que os estudantes encontram a violência na sociedade e na escola e, sobretudo, considerando a violência ostensiva do governo do estado do Paraná, sobre a classe dos trabalhadores da educação- o dia 29 de abril de 2015. Esta edição priorizou estudos das obras de Michel Foucault, Hannah Arendt, Anthony Giddens, Eric Hobsbawm, Edward Munch e a Literatura Brasileira.

A oitava edição (2016) teve como tema central, “Direitos Humanos: impasses e alternativas”. Diante desse tema a sociologia fez uma grande abordagem em torno da luta pelos direitos humanos no Brasil. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 10 de dezembro de 1948 foi o principal objeto de debate nesse café, bem como o combate a todas as formas de discriminação racial, de violência e discriminação contra as mulheres, e também os direitos das crianças, idosos e pessoas com deficiência.

A nona edição (2017) teve como tema: “Estado, Imperialismo e Globalização no mundo do Trabalho”, e o principal autor abordado no debate foi Karl Marx e no campo da sociologia brasileira foi o sociólogo Ricardo Antunes, com os temas: desemprego, precarização do trabalho, flexibilização, desregulamentação das relações de trabalho, o trabalho feminino e os adoecimentos do trabalho.

Eu, enquanto professora da instituição mencionada, participo do projeto de intervenção Café Filosociológico desde a sexta edição. Quando o projeto foi me apresentado em uma reunião pedagógica no início daquele ano letivo percebi a relevância de pensar esse processo metodológico diferenciado, e que em muito poderia contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes. Sendo

assim, desde 2014 até a presente edição, participo de forma ativa, em todas as suas fases, até a materialização do evento.

Por fim, a edição comemorativa de dez anos desse projeto teve como tema “A escola que queremos”. Essa edição será abordada de forma mais específica no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 3

### X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO (2018): “A ESCOLA QUE QUEREMOS”

#### PROJETO INTERDISCIPLINAR X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO

19 e 20 de outubro de 2018

#### TEMA CENTRAL: A ESCOLA QUE QUEREMOS!

**DISCIPLINAS:** Filosofia, Sociologia, História. Biologia. Língua Portuguesa. Prática de Estágio Supervisionado.

**PROFESSORES/AS:**

Prof. Robson Rodrigues Mendonça. (2A, 2B, 2C, 3A, 3B, 3C)

Prof. Claudinei dos Santos Dias. (2D, 2E, 1IA, 2IA, 3IA, 4IA)

Profa. Fernanda de Almeida Carvalho. (1IA, 2IA, 3IA, 4IA, 2D, 2E, 3A, 3B,

3C

Prof. Joelcyo Vêras Costa. (2A, 2B, 2C)

Prof. Luiz Aparecido Alves de Souza. (2A, 2B, 2D, 2E, 2IA, 3A, 3B, 3C).

Profa. Taysa Cristina Bedak Junkes. (2A, 2B, 2C, 2D, 2E, 2IA, 3A, 3C).

Profa. Valdeneia Ferreira Henemann. (3B)

Profa. Vanessa Poteriko. (2A, 2B, 2C, 3IA, 3A, 3B, 3C).

Profa. Silvane Kachel Moraes. (1IA, 2IA, 3IA, 2D, 2E).

Profa. Maria Odete Zocche Gomes. (4IA)

Profa. Ariete Echterhoff. (2IA, 3IA, 4IA)

Profa. Amanda Pires. (2IA, 3IA, 4IA)

Profa. Jovana Moraes. (4IA)

Profa. Viviane Brunoro. (1IA)

**SÉRIES/TURMAS:** 1IA, 2IA, 3IA, 4IA, 2A, 2B, 2C, 2D, 2E, 3A, 3B, 3C

**ENSINO MÉDIO REGULAR E FORMAÇÃO DE DOCENTES:** 300

**VAGAS/ PROFESSORES/SERVIDORES/EGRESSOS:** 50

**VAGAS TOTAL:** 350

### 3.1. Justificativa

*A natureza humana não é dada ao homem mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (SAVIANI, 2013)*

Parafraseando o educador e intelectual brasileiro Dermeval Saviani, a produção espiritual/intelectual, não é outra coisa senão a forma pela qual seres humanos apreendem o mundo, expressando a visão decorrente das distintas maneiras e dos diferentes tipos de conhecimento, tais como: conhecimento sensível, intuitivo, afetivo, conhecimento intelectual, lógico, racional, conhecimento artístico, estético, conhecimento axiológico, religioso e, mesmo, conhecimento prático e conhecimento teórico. Esses tipos de conhecimento não interessam a si mesmo, mas interessam na medida que os indivíduos necessitam assimilar para que se tornem humanos.

Nesse sentido, a humanização não se faz naturalmente; o homem não nasce sabendo ser homem: sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. E, na processualidade histórica, o desenvolvimento dos processos educativos coincidem com o próprio ato de viver, os quais foram diferenciando-se progressivamente até atingir um caráter institucionalizado cuja forma mais concreta se revela no surgimento da escola.

Desse modo, a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado, portanto, não se trata de qualquer tipo de saber: trata-se do conhecimento elaborado e não do conhecimento espontâneo; do saber sistematizado e não do saber fragmentado. É interessante o modo como os gregos consideravam essa questão. Em grego, temos três palavras referentes ao fenômeno do conhecimento: *doxa*, *sofia* e *episteme*. *Doxa* significa opinião, isto é, o saber do senso comum, o conhecimento espontâneo. *Sofia* é a sabedoria fundada numa longa experiência de vida, ao passo que *episteme* significa ciência, isto é, o conhecimento metódico e sistematizado.

A opinião, o conhecimento que produz palpites, não justifica a existência da escola. Do mesmo modo, a sabedoria baseada na experiência de vida dispensa a escola. É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola. A escola existe, pois, para proporcionar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos procedimentos desse saber.

O movimento da escola é o movimento da vida. Nela se objetivam a materialidade das relações humanas na busca cotidiana pela produção da existência.

Neste sentido, as escolas públicas, nas últimas décadas, têm assistido o acesso e a permanência das classes populares adentrar em seu interior, assim, as políticas educacionais têm assumido, para a educação pública no Estado do Paraná, uma educação alicerçada no campo das teorias críticas, como consta no documento intitulado Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCEs) nos idos de 2008 em diante.

Em tempo de reformas que atacam os avanços adquiridos pelas lutas de classes, que presenciamos nas últimas décadas, sobretudo ao direito a uma educação para todos e de qualidade social, a Lei nº 13.415/2017, flexibilizou o percurso formativo do ensino médio no país, numa clara retomada de marcos regulatórios anteriores, para atendimento da acumulação flexível, e retirou campos dos conhecimentos científicos obrigatórios para a formação humana integral (SOUZA, 2018).

Nesse sentido, interrogamos a quem interessa esse percurso formativo e a base nacional comum curricular para os estudantes do ensino médio da escola pública? Seguramente, não é essa escola que queremos. A escola que queremos é a escola que tenha um compromisso ético-político com a formação integral dos nossos jovens e que assegure o que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, Lei nº 9394/96, Seção IV, Art. 35, Inciso I e III, a saber:

I- a consolidação e o aprofundamento os conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; (...) III- o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LDB, 1996).

Assim como o respeito à Lei nº 13.005/2014 que aprova o Plano Nacional de Educação (2014-2024) nas metas 3 e 4, a saber:

3.1 institucionalizar programa nacional de renovação do ensino médio, a fim de incentivar práticas pedagógicas com abordagens interdisciplinares estruturadas pela relação teoria e prática, por meio de currículos escolares que organizem, de maneira diversificada conteúdos obrigatórios e eletivos em dimensões como ciência, trabalho, linguagens, tecnologia, cultura e esporte, garantindo a aquisição de equipamentos e laboratórios, a produção de material didático específico, a formação continuada de professores e a articulação com instituições acadêmicas, esportivas e culturais. (Ibid, 2014)

### **3.2. Disciplinas e conteúdos**

Filosofia: A crise na educação - Hannah Arendt.

Sociologia: A importância de Florestan Fernandes na formação da Sociologia brasileira.

História: A Escola de Leonardo.

Biologia: A escola que queremos: É possível articular pesquisas ciência-tecnologia-sociedade (CTS) e práticas educacionais?

Língua Portuguesa: O Cinema interroga a escola: uma análise pertinente.

A Literatura moderna e contemporânea como denúncia da ausência de escolarização nas camadas populares.

Prática de Estágio Supervisionado: Quando os dados contrariam as previsões estatísticas: os casos de êxito escolar nas camadas socialmente desfavorecidas.

### **3.3. Objetivo geral**

Interrogar o papel social da escola pública tendo em vista a conjuntura atual e seus desdobramentos para uma educação integral do ser humano.

### **3.4. Objetivos específicos**

Filosofia: Compreender, partindo da análise sobre a crise na educação realizada pela filósofa Hannah Arendt, quais são as questões envolvidas na construção de uma nova educação e de uma nova escola, conectada ao projeto de emancipação humana e aos novos contextos contemporâneos.

Sociologia: Delinear e refletir sobre as contribuições de Florestan Fernandes para a formação da Sociologia brasileira enquanto saber científico.

História: Compreender historicamente os pressupostos formativos Leonardo da Vinci e suas contribuições para se pensar a formação humana atual.

Biologia: Discutir e refletir se os sujeitos da escola (professor/estudante/equipe pedagógica/direção) realmente estão comprometidos com a educação ou só repetem os jargões de senso comum, como: “buscamos uma educação de qualidade”, “só a educação transforma”, “os conteúdos escolares e aulas

são dados para formar cidadãos”, “queremos promover uma aprendizagem significativa”, “os alunos precisam desenvolver senso crítico”!?

Língua Portuguesa: Propiciar momentos para assistir aos filmes como base para oralidade, leitura, produção de textos, análise e reflexão sobre a língua e sobre o gênero. Discutir a importância dos filmes como uma ferramenta de aprendizagem. Refletir sobre a temática dos filmes, relacionando a temática do evento e expor suas ideias. Aliar integração, colaboração e troca de experiências em grupos.

Observar através da leitura as mudanças sofridas em relação ao castigo aplicado na escola do século XIX em relação aos castigos aplicados na escola do século XXI.

Prática de Estágio Supervisionado: Ampliar o conhecimento dos alunos sobre educação, para uma discussão consistente da realidade em que a escola está inserida; possibilitar e dar embasamento ao aluno para pensar a escola que queremos.

### 3.5. Metodologia

A metodologia de trabalho para o X Café Filosociológico recorre aos aportes teóricos das teorias críticas, assentadas na Pedagogia Histórico-Crítica, nos pressupostos do materialismo histórico-dialético, conforme expressam as Diretrizes Curriculares Estaduais da Filosofia, Sociologia e História (2009):

Para as teorias críticas, nas quais estas diretrizes se fundamentam, o conceito de contextualização propicia a formação de sujeitos históricos – alunos e professores – que, *ao se apropriarem do conhecimento, compreendem que as estruturas sociais são históricas, contraditórias e abertas*. (Ibid, p.30).

Contudo, essa metodologia exige o tratamento na abordagem dos conteúdos e na escolha dos métodos de ensino a fim de que as disciplinas curriculares que aderirem ao IX Café Filosociológico, tenham o entendimento de que

as inconsistências e as contradições presentes nas estruturas sociais são compreendidas numa visão de totalidade.. Essa compreensão se dá num processo de luta política em que estes sujeitos constroem sentidos múltiplos em relação a um objeto, a um acontecimento, a um significado ou a um fenômeno. Assim, podem fazer escolhas e agir em favor de mudanças nas estruturas sociais (DCEs, 2009, p.30).



É no processo do trabalho intelectual nas leituras dos clássicos da Filosofia, Sociologia, História e demais campos do conhecimento que

os sujeitos em contexto de escolarização definem os seus conceitos, valores e convicções advindos das classes sociais e das estruturas político-culturais em confronto. As propostas curriculares e conteúdos escolares estão intimamente organizados a partir desse processo, ao serem fundamentados por conceitos que dialogam disciplinarmente com as experiências e saberes sociais de uma comunidade historicamente situada (DCEs, 2009, p.31).

A esses pressupostos teóricos, consideramos que o desenvolvimento do presente projeto assenta-se em duas etapas, a saber:

I) Estudo dos aportes teóricos das disciplinas adeptas ao projeto: Essa etapa apresenta como objetivo, proporcionar acesso aos estudantes e professores dos pressupostos teóricos dos clássicos selecionados, a serem estudados e apropriados. Para isso, torna-se relevante que cada professor, conjuntamente com seus estudantes, selecionem as técnicas e recursos didáticos que concorram ao desenvolvimento da prática pedagógica crítica/reflexiva: estudos dirigidos, seminários de leituras, painel temático, roda de conversas, júri simulado, exposições teóricas, pesquisas, relatos de leituras, etc. Também faz parte desta etapa a organização, por parte dos professores, de uma prévia de debate com os estudantes. Essa prévia caracteriza-se como um espaço de interlocução e debate entre os professores e os estudantes, nos temas de estudos e nos referenciais teóricos escolhidos, conforme consta no cronograma. Nessa etapa já se constrói a primeira parte do Relatório de Estudos Final.

II) Produção e Organização do X Café Filosociológico: Essa etapa compreende os processos sistêmicos do evento. Para isso, foi constituída a comissão organizadora com integração de professores/as, coordenadoras pedagógicas, vice-direção, agentes educacionais e estudantes que, por meio de reuniões, debatem, decidem e delegam trabalhos para que o fluxo da produção ganhe materialidade.

O X Café Filosociológico apresentou sua dinâmica de trabalho em dois tempos, a saber:

1º Tempo: 19 de outubro de 2018 - Abertura do evento: Compreendeu o debate em torno da temática central com participação de convidados/as externos/as com trabalhos encomendados, no formato de Roda de Conversa, antecedido da Mesa

de Abertura, Momento Cultural, Mostra Cultural e Científica e posteriormente, servido o coquetel aos participantes.

2º Tempo: 20 de outubro de 2018- Salas Temáticas: Compreendeu a continuidade do debate do tema central na configuração pedagógica de Salas Temáticas. As salas temáticas tiveram por objetivo pluralizar o espaço do evento em sub-temáticas que dialogam com a temática central, mediante a atuação de convidados/as internos e externos à instituição escolar. Para participar da sala temática, os participantes deveriam fazer suas inscrições previamente, inscrevendo as quais desejam participar; são duas inscrições: uma para o primeiro momento (1h e 15min) e outra para o segundo momento (1h e 15min). Houve um intervalo para o Café entre uma e outra sala temática. Para essa edição, a comissão organizadora propôs a redação de uma Carta Manifesto frente ao tema central e gerador desta edição, a saber: A Escola que queremos! Considera-se como Salas Temáticas Permanentes as que versam sobre os temas: Relações étnico-raciais e gênero e diversidade sexual. A composição das Salas Temáticas para aquela edição foram as seguintes:

Sala Temática 01: O outro lado da história de Zeca: que avaliação da aprendizagem queremos? Profa. Vanessa Tavares (IFPR)

Sala Temática 02: Diversidade sexual e gênero como categoria de análise. Prof. Marcos Antonio Quinupa (Uninter).

Sala Temática 03: O ensino da alfabetização e letramento e da alfabetização matemática frente as alterações da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Fundamental-Anos Iniciais. Profa. Dra. Cristhyane Ramos Haddad (SEED/PR, SMC, UP).

Sala Temática 04: A participação enquanto princípio educativo: formação de um conselho de representantes de turma (CRT). Prof. Nailôn Ferreira Silveira (SEED/PR)

Sala Temática 05: O que é ser negro em uma escola racista? Prof. Neuton Damásio Pereira (SEED/PR)

Sala Temática 06: A política como mediação social. Profa. Dra. Maria de Fátima Rodrigues Pereira (UTP)

Sala Temática 07: As Escolas Clássicas: Escola de Athenas, Escolástica Medieval e a Escola de Leonardo. Prof. Gleybson de Assis e Silva (SEED/PR)

Sala Temática 08: As possibilidades da Sociologia no Ensino Médio: reflexões sociológicas a partir do Universo Marvel. Profa. Msc. Andressa Ignácio (SEED/PR).

Sala Temática 09: Transfobia, que bicho é esse na escola? Profa. Marise Félix da Silva (SEED/PR)

Sala Temática 10: Petralhas versus Coxinhas: as origens da polarização política no Brasil. Prof. Julio Cesar Gomes Santos (SEED/PR)

A partir disso, o evento apresentou sua Programação geral, a saber:

<b>X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO</b>	
<b>19/10/2018 (Sexta-feira)</b>	<b>20/10/2018 (Sábado)</b>
18h - Credenciamento e Mostra Científica e Cultural	08h - Salas Temáticas (1º Tempo)
19h - Abertura	09h15 - Café com conversa e Mostra Científica e Cultural
19h30 - Roda de Conversa: A Escola que que queremos!	09h45 - Salas Temáticas (2º Tempo)
Profa. Fernanda de Almeida Carvalho (SEED/PR) Prof. Luiz Aparecido Alves de Souza (SEED/PR, IFPR)  Prof. Gleybson de Assis e Silva (SEED/PR)  Profa. Taysa Bedak Junkes (SEED/PR)  Profa. Marise Félix da Silva (SEED/PR)  Prof. Neuton Damásio Pereira (SEED/PR)  Coordenação: Prof. Robson Rodrigues Mendonça.	11h - Carta Manifesto X Café Filosociológico A Escola que queremos!  11h - Encerramento do Evento.
21h30 - Coquetel	
22h - Encerramento da noite	

Quanto aos estudantes, nesta segunda etapa, eles efetivaram registros acadêmicos, através da observação e da participação nos debates, seja na Roda de

Conversa e/ou nas Salas Temáticas de escolha, no ato das inscrições, como composição e complemento do Relatório de Estudos Final, iniciados na primeira etapa.

Metodologias específicas das disciplinas que compõem o Projeto: Língua Portuguesa (4IA): Para interferir no processo de ensino aprendizagem das estudantes de Formação de Docentes na disciplina de Língua Portuguesa, foram selecionados os seguintes filmes: a) Sociedade dos poetas mortos; b) Escritores da liberdade; c) Como estrelas na terra; d) O aluno: uma lição de vida; e) O preço do desafio.

Em uma aula expositiva, foi realizada uma orientação e discussão sobre os aspectos pertinentes ao desenvolvimento do projeto e como forma de estímulo na participação. Na sequência, as alunas foram divididas em grupos, de acordo com os filmes, sendo que cada grupo assistiu a um dos filmes e realizaram análise sobre eles, bem como teceram comentários em sala de aula com as impressões sobre os mesmos, para a preparação e a participação no evento. A exibição do filme não ocorreu no horário de aula, foi relacionado ao conteúdo e contribuiu para o ensino da disciplina. Ao final, as alunas produziram um relatório e uma apresentação oral relacionando a temática do Café Filosociológico “A Escola que queremos” com os filmes e com as demais palestras e oficinas, demonstrando, assim, a aprendizagem adquirida.

Para a disciplina de Biologia, foram realizados apontamentos críticos acerca da realidade cotidiana no que se refere às efetivas intervenções das disciplinas, que buscam a mediação entre o conhecimento humano que é trabalhado em sala de aula pelos professores e estudantes e descreveram como ocorre a interlocução do que é teórico com o que tem significado para prática do indivíduo reflexivo e crítico sobre suas ações.

### **3.6. Avaliação**

Os procedimentos avaliativos constaram de um instrumento avaliativo e critérios avaliativos:

I) Instrumento avaliativo (4,0): Produção de Relatório de Estudo para todos os estudantes das disciplinas aderidas ao projeto. Para as disciplinas envolvidas no projeto os/as estudantes dos terceiros anos (3A, 3B, 3C, 3IA e 4IA) apresentaram oralmente, no formato de Seminário de Estudos. Para as disciplinas de Língua

Portuguesa e de Prática de Estágio Supervisionado a nota para esse instrumento avaliativo foi de 2,0.

Para o Seminário de Estudos (3A, 3B, 3C, 3IA e 4IA) foram organizados espaços e tempos pedagógicos entre as disciplinas envolvidas em seus turnos de trabalho e, posteriormente, foi emitido um cronograma de trabalho.

Para os/as estudantes do segundo ano do Ensino Médio e 1IA e 2IA da Formação de Docentes foi exigida a produção e entrega do Relatório de Estudos de acordo com o Cronograma, posteriormente publicado no mural da sala de aula.

II) Critérios de avaliação: A redação do Relatório de Estudos Final atendeu aos seguintes critérios de aprendizagem:

a) Filosofia: Compreende, partindo da análise sobre a crise na educação realizada pela filósofa Hannah Arendt, quais são as questões envolvidas na construção de uma nova educação e de uma nova escola, conectada ao projeto de emancipação humana e aos novos contextos contemporâneos.

b) Sociologia: Delineia e reflete sobre as contribuições de Florestan Fernandes para a formação da Sociologia brasileira enquanto saber científico.

c) História: Compreende historicamente os pressupostos formativos Leonardo da Vinci e suas contribuições para se pensar a formação humana atual.

d) Biologia: Discute e reflete se os sujeitos da escola (professor/estudante/equipe pedagógica/direção) realmente estão comprometidos com a educação ou só repetem os jargões de senso comum, como: “buscamos uma educação de qualidade”, “só a educação transforma”, “os conteúdos escolares e aulas são dados para formar cidadãos”, “queremos promover uma aprendizagem significativa”, “os alunos precisam desenvolver senso crítico”!?

e) Língua Portuguesa: Discute a importância dos filmes como uma ferramenta de aprendizagem. Reflete sobre a temática dos filmes, relacionando a temática do evento e expõe suas ideias. Observa através da leitura as mudanças sofridas em relação ao castigo aplicado na escola do século XIX em relação aos castigos aplicados na escola do século XXI.

f) Prática de Estágio Supervisionado: Compreende a educação como está posta atualmente e as mudanças previstas; analisa a escola que temos e a escola que queremos.

g) Normas da ABNT: Atende às normas para elaboração de trabalhos científicos em conformidade com a apostila do colégio.

h) Oralidade: Atende às normas quanto à apresentação oral de trabalhos científicos.

Ao estudante participante coube a elaboração do Relatório de Estudos, em duas modalidades, a saber:

a) Modalidade Segundos Anos do Ensino Médio e 1IA, 2IA da Formação de Docentes: esses estudantes seguiram as seguintes normas: Folha almaço, capa, folha avaliativa, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, referências, caneta esferográfica azul ou preta, mínimo de 3 páginas e máximo de 5 páginas de desenvolvimento; norma culta da língua portuguesa, mínimo 5 (cinco) referenciais bibliográficos, manuscrito, grampear e normas ABNT. O relatório estruturou-se em duas partes: Primeira parte: Abordagem conceitual e teórica e Segunda parte: Participação no evento. Ao final do relatório sugeriu-se ao estudante participante que fizesse uma crítica referente ao X Café Filosociológico para que nos próximos anos pudéssemos aperfeiçoar o projeto.

b) Modalidade Terceiros Anos do Ensino Médio e 3IA, 4IA da Formação de Docentes: esses estudantes seguiram as seguintes normas: trabalho em grupo, mínimo de três e máximo de quatro integrantes. O Relatório se baseou-se nas seguintes orientações: Folha almaço, capa, folha avaliativa, sumário, introdução, desenvolvimento, conclusão, referências, caneta esferográfica azul ou preta, mínimo de 5 páginas e máximo de 10 páginas de desenvolvimento; norma culta da língua portuguesa, mínimo 5 (cinco) referenciais bibliográficos, manuscrito, grampear e normas ABNT. O relatório também foi estruturado em duas partes: Primeira parte: Abordagem conceitual e teórica e segunda parte: Participação no evento. Foi produzido um Relatório de Estudos por grupo e cada membro do grupo apresentou oralmente para a banca de professores, conforme cronograma. Ao final do relatório, sugeriu-se ao estudante participante, que fizesse uma crítica referente ao X Café Filosociológico para que nos próximos anos pudéssemos aperfeiçoar o projeto.

Ao estudante não participante coube atender as orientações dadas pelos estudantes participantes, exceto quando da segunda parte: escolher das 10 salas temáticas, dois temas e realizar mediante o uso da pesquisa, um estudo descritivo do tema, a ser incorporado no Relatório de Estudos, sejam na modalidade individual ou em grupo. No que tange à recuperação dos instrumentos avaliativos, o projeto previu a reescrita do relatório de estudos e os esforços necessários das turmas envolvidas no seminário de estudos para atingirem os critérios na apresentação oral. Aos

estudantes que apresentaram oral (3A, 3B, 3C, 3IA, 4IA) foi solicitado pela banca, ainda no momento da apresentação oral, complementação de informações, quando não atingiram o mínimo dos critérios estabelecidos.

Cronograma de atividades:

1ª Reunião Comissão Organizadora	06/04/2018 (6ª feira)
2ª Reunião Comissão Organizadora	17/05/2018 (5ªfeira)
3ª Reunião Comissão Organizadora	29/08/2018 (4ª feira)
4ª Reunião Comissão Organizadora	25/09/2018 (3ªfeira)
5ª Reunião Comissão Organizadora	08/10/2018 (2ª feira)
Chamada para Adesão ao Projeto	27/08/2018 a 03/09/2018
Publicação do Projeto Finalizado	24/09/2018
Abordagem teórica em sala de aula	10/09/2018 a 18/10/2018
Prévias com estudantes do Ensino Médio	03/10/2018 (quarta-feira) 10/10/2018 (quarta-feira)
Período de Inscrição on line/pagamento na biblioteca	01/09/2018 a 08/10/2018
X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO	19 e 20/10/2018
Publicação do Cronograma do Seminário de Estudos somente para os terceiros anos do ensino médio	02/10/2018
Entrega do Relatório de Estudo pelos/as estudantes ao docente responsável pela correção	30 e 31/10/2018
Correção dos Relatórios de Estudos:	31/10/2018 a 06/11/2018
Devolutiva das notas	07/11/2018
Período de reescrita do relatório pelos estudantes que não alcançarem médias	07 a 12/11/2018
Entrega de reescrita do relatório pelos estudantes ao professor responsável	13/11/2018
Entrega das notas finais na pasta de notas	20/11/2018
Reunião de avaliação do Projeto	21/11/2018



### 3.7. Recursos

Os recursos necessários para a materialização do X Café Filosociológico, foram captados mediante a taxa de inscrição dos estudantes ao evento, no valor de R\$20,00, para cobertura de gastos, sendo explicitados:

❖ auditório para 350 lugares; ❖ espaço para o coquetel para 350 pessoas; ❖ 01 sala de apoio (sexta-feira); ❖ 10 salas temáticas, com 35 lugares; ❖ sala de apoio (sábado); ❖ espaço para o café para 350 pessoas; ❖ notebooks; ❖ 10 projetores; ❖ aparelhagem de som, com microfones; ❖ 300 cadeiras, ❖ mesa para a abertura; ❖ toalha, ❖ flores, ❖ água, ❖ copos vidros; ❖ triplé de bandeiras; ❖ suporte para banners; ❖ toalhas para as mesas do coquetel e café; ❖ copos descartáveis; ❖ guardanapos de papel; ❖ cozinha do colégio disponível para o sábado; ❖ kit para os/as participantes; ❖ fita crepe; ❖ xerox (verificar cota disponível); ❖ certificados; ❖ fichas de inscrições; ❖ planilha de controle financeiro; ❖ banner central da temática; ❖ folders do evento; ❖ página do café; ❖ escala de servidor/as para apoio na manutenção do evento.

### 3.8. Inscrição

As inscrições foram realizadas na biblioteca do colégio no período de 01 de setembro de 2018 a 08 de outubro de 2018.

### 3.9. Comissão Organizadora

Profa. Fernanda de Almeida Carvalho (Sociologia). Prof. Robson Rodrigues Mendonça (Filosofia). Prof. Claudinei dos Santos Dias (Filosofia). Prof. Luiz Aparecido Alves de Souza (História). Profa. Taysa Cristina Bedak Junkes (Biologia). Profa. Vanessa Poteriko (Língua Portuguesa e Literatura). Profa. Adaila Aparecida Caires Schluga (Pedagogia). Profa. Ieda Cristina Rocha (Pedagogia). Profa. Amaura Bessa da Silva (Pedagogia). Profa. Josiane da Silva Hoogevoonink (Equipe Diretiva).

Matheus Henrique Pereira dos Santos (Agente Educacional I). Davi Keniel de Lima e Silva (Estudante/Grêmio Estudantil).

## CAPÍTULO 4

### RESULTADOS DA IMPLEMENTAÇÃO

Ao longo desses anos de Café Filosociológico, foi possível reconhecer suas potencialidades e fragilidades. Abordei de forma mais específica os resultados do X Café Filosociológico, suas contribuições, os aspectos positivos e negativos. Num primeiro momento, foi realizada uma pesquisa com os alunos do ensino médio participantes do Café. Em um segundo momento, foi realizada uma entrevista com docentes que já participaram da intervenção uma ou mais vezes, sendo esta pautada em questões específicas, mas abertas, de modo que alguns entrevistados se atentaram mais a determinadas questões enquanto que outros focalizaram em outras questões distintas.

Os gráficos (explicitados nos apêndices) abordam os resultados de uma pesquisa realizada com 260 alunos, em novembro de 2018, que participaram do projeto de intervenção pedagógica nesse mesmo ano. No qual os alunos seguiram o um roteiro de perguntas, em que as respostas poderiam ser assinaladas dentre as seguintes categorias: *excelente, muito bom, bom, regular ou ruim*.

- 1- Como você qualifica a comunicação e a informação do Site Café Filosociológico antes do evento?
- 2- Na sua opinião, a prévia do Café Filosociológico promoveu alguma contribuição para as discussões durante o evento?
- 3- Em relação a “roda de conversa” realizada na sexta-feira á noite, os temas abordados pelos palestrantes atenderam as suas expectativas?
- 4- Em relação à Sala temática de que você participou, no primeiro tempo do sábado, o tema abordado pelo(a) palestrante atendeu as suas expectativas?
- 5- Em relação à Sala temática de que você participou, no segundo tempo do sábado, o tema abordado pelo(a) palestrante atendeu as suas expectativas?
- 6- Como você qualifica o local do evento?
- 7- Como você qualifica a organização do evento?
- 8- Você indicaria o Café Filosociológico para outros estudantes?
- 9- Manifeste alguma crítica, elogio ou sugestão referente a X edição do Café Filosociológico 2018.

O primeiro gráfico ( *Gráfico 1*) apresenta os dados obtidos com a questão 1, que avalia o site do Café Filosociológico<sup>4</sup>. Os alunos foram questionados da seguinte forma: “Como você qualifica a comunicação e a informação do Site do Café Filosociológico antes do evento?”.

Observa-se nessa primeira questão que, por mais que tenhamos um bom percentual de estudantes que acham o site como um excelente (28%), muito bom (35%) e uma boa ferramenta de comunicação e divulgação do café (29%), ele ainda precisa ser melhorado. Penso que nessa questão nos esbarramos com a democratização ao acesso à internet, por exemplo. A escola não fornecia, no período da entrevista, um laboratório de informática com redes de acesso, e muitos alunos também não possuíam internet em suas residências.

O segundo gráfico ( *Gráfico 2*) trata da avaliação da prévia do Café Filosociológico. A Prévia é um momento importante para fomentar o debate acerca da temática central. Nela, os professores participantes do café de diferentes disciplinas expõem os textos, os autores e contextos aos estudantes. Nesse momento, eles podem tirar dúvidas, fazer considerações e, o mais importante, é possibilitar aos alunos a percepção de que, por mais que as disciplinas possuam suas especificidades, elas também dialogam entre si. O questionamento realizado é: “Na sua opinião, a Prévia do Café Filosociológico promoveu alguma contribuição para as discussões durante o evento?”

Analisando os dados, percebe-se que 84% dos estudantes consideram esse momento da intervenção válida, pois apontaram como excelente (25%), muito bom (30%) e bom (29%). As duas imagens abaixo representam o momento intitulado como “prévia”.

---

<sup>4</sup> <https://www.cafefilosociologico.com.br/>.

Imagem 1 - Professores e professoras organizando a prévia do Café Filosociológico - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Imagem 2 - Estudantes do Ensino Médio participando da prévia do Café Filosociológico - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>



Na sequência, os alunos foram questionados a respeito da Roda de Conversa, que corresponde ao momento de abertura do evento, destinado para que os estudantes tenham acesso a um outro olhar a uma outra abordagem sobre o tema. Essa roda é composta por palestrantes convidados previamente e que discutem com propriedade a temática central. “Em relação à Roda de Conversa “A escola que queremos”, realizada na sexta-feira à noite, os temas abordados pelos palestrantes atenderam as suas expectativas? ”

Conforme se observa (*Gráfico 3*), apesar de termos um percentual positivo em relação a esse momento (83% no total), acredito ser importante considerar os 15% dos estudantes que responderam regular ou ruim. A falta de estrutura adequada como equipamentos de som, microfones adequados, espaços lotados podem comprometer esse momento. Evidencia que este deve ser um ponto revisto nas edições seguintes deste projeto de intervenção. Este momento ficou registrado pelas imagens a seguir:

Imagem 3 - Roda de conversa e debate na abertura do X Café Filosociológico – outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Imagem 4 - Estudantes do Ensino Médio participando da abertura do X Café Filosociológico-  
outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Posteriormente dois gráficos (*Gráficos 4 e 5*) abordaram o mesmo tema: a avaliação das Salas Temáticas. Essas salas são escolhidas previamente pelos alunos, de acordo com o tema de maior interesse dos mesmos. Vale destacar que os palestrantes, em sua maioria professores da educação básica de outras instituições, atuaram nesse momento de forma voluntária e abordaram em suas salas temáticas conteúdos relacionados ao tema central do café. Esse momento também foi registrado pelos professores e professoras participantes da intervenção.

Imagem 5 - Sala Temática 01: O outro lado da história de Zeca: que avaliação da aprendizagem queremos? - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Imagem 6 - Sala Temática 10: Petralhas versus Coxinhas: as origens da polarização política no Brasil - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>



Os questionamentos realizados foram: para a questão 4: “Em relação à Sala temática de que você participou, no primeiro tempo do sábado, o tema abordado pelo (a) palestrante atendeu as suas expectativas?”; e para a questão 5 “Em relação à Sala temática de que você participou, no segundo tempo do sábado, o tema abordado pelo(a) palestrante atendeu as suas expectativas?”.

Observando os resultados, percebe-se que os resultados foram satisfatórios pois a maioria considerou excelente e muito bom as salas na qual participaram (64% no total).

O local do evento (*Gráfico 6*) também foi avaliado pelos alunos por meio do seguinte questionamento: “Como você qualifica o local do evento?”.

A respeito do local do evento, em edições anteriores havíamos emprestado o salão de uma igreja para a realização da abertura, porém como a demanda das inscrições foi crescendo, optamos por realizar na própria escola. Porém temos problemas consideráveis em relação à estrutura física do ambiente escolar, falta de espaço, equipamentos de som adequados, entre outros. Apesar disso, notamos uma avaliação consideravelmente positiva com relação ao local do evento (53% avaliaram como excelente ou muito bom).

Em seguida, os alunos foram questionados a respeito de sua avaliação para a organização do evento no que diz respeito ao credenciamento, à qualidade dos materiais distribuídos, ao coquetel servido na sexta-feira à noite e ao café servido no sábado pela manhã, à limpeza e à manutenção do local, (*Gráfico 7*).

Assim, essa avaliação abordou a organização do café de um modo geral, não em um caráter teórico, pedagógico ou metodológico, mas sim em sua composição física. Observa-se que 63% dos entrevistados consideraram excelente e muito bom. Essa organização só é possível através do empenho e união de vários segmentos da escola, como professores e professoras participantes, equipe diretiva/pedagógica, funcionários e estudantes. É importante também nesse momento identificar quais foram as principais dificuldades e fragilidades quanto à organização do café, para estar aprimorando nos anos seguintes. A respeito da organização do evento, as imagens abaixo registram esse momento.

Imagem 7 - Professores e Equipe Pedagógica no X Café Filosociológico - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Imagem 8 - Credenciamento dos estudantes para o X Café Filosociológico - outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

Os alunos também foram questionados se indicariam o Café Filosociológico para outros estudantes.

Assim, a questão número 8 (*Gráfico 8*) evidencia a relevância do projeto, pois 93% dos alunos indicariam o Café para outros estudantes. Temos aí uma grande potencialidade, eles veem um sentido positivo, proporcionador de conhecimento e trocas de experiências, espaço para debates, diálogos e discussões que são descritos, embora, brevemente, na questão 9.

A questão 9 solicita que os estudantes deixassem registrado alguma crítica, elogio ou sugestão referente à X edição do Café Filosociológico 2018, sendo que esses seguem transcritos abaixo:

“Participo do Café Filosociológico a cinco anos, participava como aluno e agora como ex aluno, ele nunca é igual, sempre trás um tema ou uma abordagem diferente, espero participar sempre” (Ex aluno)

“Atualmente curso Psicologia na UFPR, sempre fui aluno do Colégio Abraham Lincoln, os conteúdos do Café nos ajudam no vestibular ao abordar as obras, e principalmente na redação, pois os temas do Café são sempre atuais e nos dão argumentos para as discussões” ( Ex aluno)

“O café trata de temas importantes para a nossa vida, não só como estudante, mas como ser humano, precisamos falar sobre racismo, homofobia e direitos humanos” (estudante do 3º ano)

“Quando cheguei no café e vi uma bandeira do movimento LGBT sobre a mesa, fiquei arrepiado, me senti acolhido, como se a escola realmente estivesse preocupada em discutir temas importantes, como a homofobia” (estudante do 2º ano)

“Foi a primeira vez que participei do Café, gostei muito dos palestrantes, eles tem boa formação e as salas temáticas foram ótimas, nem vi o tempo passar, e olha que era sábado de manhã, dia da preguiça kkkk” (estudante do 2º ano)  
 “Eu gostei muito do café, do tema, das discussões, só achei que o lugar ficou muito apertado” (estudante do 3º ano)

“Eu acho que tem professores que fazem a diferença, o professor Luiz de História, Fernanda de Sociologia e Taysa de Biologia, sempre dão o seu melhor, temos o privilégio de ter excelentes projetos no Colégio, como o Café Filosociológico” (estudante do 3º ano)

“Fico revoltada quando vejo que nem todos os professores de humanas participam, será que eles acham que falar de racismo, homofobia, violência contra a mulher é mimimi?” (série não identificada)

“Eu acho que 20,00 é caro para a inscrição do café, o Colégio tinha que ter algum patrocinador para esse evento” (estudante do 2º ano)

“Além das salas temáticas eu gostei das apresentações da sexta a noite, é muito bom ver os alunos talentos da escola” (estudante do 2º ano)

“A palestrante da minha sala atrasou demais, aí ficou meio desorganizado” (estudante do 3º ano)

Através das respostas dos estudantes, fica nítido as contribuições do Café Filosociológico, pois em seus relatos, descrevem a relevância e pertinência dos temas abordados e as contribuições dos textos/autores, para os Processos Seletivos como o vestibular da Universidade Federal do Paraná.

Algumas inquietações também foram mencionadas, como os aspectos referentes a organização do evento, que segundo os estudantes podem ser melhorados e também a não adesão e participação de todos os educadores ao longo da intervenção pedagógica, principalmente aqueles em que suas disciplinas fazem parte das Ciências Humanas, área de conhecimento fundamental para o desenvolvimento do Café Filosociológico.

Num segundo momento, realizei entrevistas com professores, equipe diretiva e pedagógica, pessoas externas à escola, que já participaram do Café para poder mensurar a relevância do projeto no âmbito escolar. Foi uma entrevista aberta, com algumas questões específicas, no qual fiz um compilado das narrativas.

As questões eram as seguintes:

- 1- Como você participou do café (palestrante, organização, atuando como direção e/ou coordenação pedagógica, etc) no caso dos palestrantes, gostaria de saber as temáticas abordadas no café.
- 2- Já Participou do café em quantas edições?
- 3- O Café filosociológico contribui para o pensamento crítico acerca das ciências humanas no ensino médio? Se sim, de que maneira?
- 4- Quais as principais críticas/sugestões para o desenvolvimento de futuros “cafés” Filosociológicos?

ENTREVISTADO 1 - (professora de língua Portuguesa e diretora auxiliar, atuando no Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln e mestre em literatura pela Universidade Federal do Paraná- UFPR):

Participei como professora ajudando na organização; foi a minha primeira participação no café; O café é relevante por propor temas e discussões importantes para serem pensadas em prol da melhoria da sociedade, superando o senso comum por meio do embasamento das discussões com conteúdo científico; A minha sugestão de que na sexta a noite o café seja servido primeiro já que os alunos chegam do trabalho com fome. Para as próximas edições o café poderia propor questões envolvendo a mulher e sua importância na sociedade. Estamos vivendo muitos casos de feminicídios, de violência contra as mulheres e de crescimento de ódio ao feminismo.

ENTREVISTADO 2 - (professora da rede estadual de ensino da disciplina de Sociologia, contratada pelo regime PSS, mestranda em Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica- PUC):

Participei como Palestrante, com a temática: "A Banalização da violência e a Cultura do Estupro". Participei de apenas uma edição, fui convidada outras vezes, mas, haviam prazos para submeter as propostas de oficinas/mini-cursos, e eu, em meio a minha dinâmica louca, mulher, mãe, estudante, professora PSS em 5, 6 escolas, acabei não participando. Acredito que o café contribui sim, desmistificando o senso comum, conscientizando os estudantes sobre seus direitos. Problematicando as heranças socioculturais e históricas, reproduzidas em uma escala geracional, que fazem com que em pleno século XXI todo e todas, sintam os reflexos do patriarcado e do machismo em nosso cotidiano. As diversas configurações de violências também são incorporadas e perpetuadas a partir da assimilação e naturalização. Não possuo críticas, é um evento maravilhoso, que cumpre com sua finalidade de conscientizar e trazer temáticas de interesse dos estudantes. Como sugestão, um envio de e-mail de alerta quando o prazo para submissões de oficinas ou mini-cursos estiverem expirando. Adoraria participar novamente.

ENTREVISTADO 3- (professor de História Concursado, atua nas redes pública e privada de ensino básico, mestrando em sociologia PROFSOCIO, pela Universidade Federal do Paraná- UFPR):

Tive a oportunidade de participar do evento como colaborador e oficinairo desenvolvendo junto aos alunos duas oficinas, uma em 2017: O som que vem dos guetos brasileiro: música de protesto dando voz as periferias, e outra em 2018: Petralhas versus coxinhas: as origens da atual polarização política no Brasil. Acredito que o café contribui sim. Condicionantes como carga horária insuficiente (tempo de aula com os alunos), material didático limitado e rotinas burocráticas (preparo de provas e trabalhos) que limitam nossa capacidade de expor determinadas abordagens de modo mais detalhado, podem ser dirimidas com o auxílio desta modelagem de intervenção. Creio também, que o grande atributo do evento, está em motivar entre os estudantes a participação em debates de cunho científico. Ao poderem se expor a discussões contemporâneas, tendo o respaldo da ciência, acredito que a criticidade dos envolvidos se eleva positivamente. Penso que seria interessante pensarmos em mecanismos de manutenção do evento sem a cobrança de taxas, talvez buscando patrocínios ou criação de equipe de trabalho que arrecade fundos para o evento com venda e/ou sorteios de rifas, aos moldes das comissões de formaturas. Além de buscarmos aproximação



com Universidades que elevariam ainda mais os níveis dos palestrantes, oficinairos e abordagens discutidas no evento, isso poderia auxiliar na aproximação da realidade do ensino superior, com o horizonte dos alunos do ensino médio, pois infelizmente muitos idealizam tal realidade como algo impossível para suas vidas.

ENTREVISTADO 4 - (Professora Biologia/ rede pública/ concursada/ mestranda em biologia pelo PROFBIO na Universidade Tecnológica Federal do Paraná- UTFPR):

Participei do café em oito edições, na organização e com a adesão da disciplina com contribuições de textos, discussões e reflexões voltados a cada tema sempre associando com algum contexto explorado pela disciplina de Biologia. O café contribuiu significativamente, na minha formação não havia as disciplinas, mesmo na organização e trazendo textos dentro da Biologia houve uma aproximação com a proposta do café. Além disso ele me fez dedicar tempo para as leituras, conhecer os pensadores e suas contribuições para o pensamento o olhar para as temáticas tratadas nas diferentes propostas temáticas que o café oportunizou em cada uma das suas edições. A minha principal crítica é falta envolvimento do coletivo das demais áreas do conhecimento. Mesmo sendo organizado pelas disciplinas de humanas, sempre o convite se estendeu a todo o coletivo escolar. Os estudantes teriam suas produções mais valorizadas, os demais professores teriam capacidade de rever suas práticas com mais embasamento e fundamentação teórica dentro de novas perspectivas, pois a filosofia e a sociologia dão suporte para contextualização das temáticas em todas as áreas do conhecimento e isso é pouco explorado, por falta de interesse dos demais professores. A Biologia não perde a oportunidade de aproveitar tudo de melhor que o evento oportuniza quanto a novas aprendizagens. Uma fragilidade é que os espaços físicos que temos na nossa comunidade, não contemplam os estudantes em seu total, espero ainda termos condições de acomodar estes estudantes, para que tenham a vivência do projeto ao longo dos 3 anos de sua trajetória de ensino médio. E o mais grave é que a secretaria de educação não dá qualquer tipo de incentivo para realização de atividades deste porte, são entre 260 a 300 estudantes, desde recursos de infraestrutura e logística com material de expediente para ser usado pelos estudantes a exemplo pastas e canetas, tem que ser custeado pela própria comunidade escolar, a SEED não valoriza a importância de um evento como este e seus impactos positivos, no máximo coloca uma nota no site da rede para enaltecer um trabalho que ela mesma não dá condições para que aconteça.

ENTREVISTADO 5 - (Professora de História, Concursada, Especialista em Educação Especial Inclusiva, Ensino Religioso, Gênero e Diversidade Sexual, Mestra em Tecnologia e Trabalho com ênfase em Tecnologia e Gênero pela Universidade tecnológica Federal do Paraná- UTFPR):

Participei do café dois anos seguidos como palestrante. A temática abordada sempre referente aos meus estudos, ou seja, gênero e base teórica Judith Butler. O café contribui demais pois uma coisa é a pesquisa feita na academia, outra como podemos adaptar este conhecimento, a fim de, atingir nosso público de Ensino Médio. Deste modo a participação nos Cafés sempre contribuiu para este raciocínio e trabalho.

ENTREVISTADO 6 - (professor de história, concursado, formado no programa de desenvolvimento da educação PDE com pesquisa na área de história e cultura africana e afro-brasileira- Educação para a diversidade étnico racial):

Eu participei de 9 cafés. Acredito que esse projeto é um marco na história da educação de Colombo, Paraná e do Brasil, pois levar à discussão temas como diversidade sexual, gênero e etnia, além de discutir temas sócio-políticos, que são fundamentais para a formação verdadeiramente cidadã. A crítica negativa é perceber que nem todos os profissionais da escola estão engajados no projeto, sempre são os mesmos profissionais que se dedicam a organização e realização do evento, demonstrando que ainda há resistência ao debate das temáticas propostas. Eu sempre sou convidado para tratar sobre relações étnico-raciais na educação, no trabalho, nas relações humanas. As oficinas têm sido muito proveitosas, pois o número de inscritos sempre chega ao máximo oferecido, além de que, muitos estudantes participantes se fizeram presentes em seguidos anos na oficina.

De um modo geral, os docentes entrevistados evidenciam em suas falas a relevância do café filosociológico como uma “ferramenta” positiva para o processo de ensino e aprendizagem, principalmente para as disciplinas de filosofia e sociologia. Apontam também algumas fragilidades do projeto, como a falta de participação de todos os professores das disciplinas a qual a intervenção envolve. As entrevistas dão base para que essa intervenção seja repensada ano a ano, e em quais aspectos podem ser aperfeiçoados e quais potencialidades podem ser mantidas ou expandidas.

## **CAPÍTULO 5**

### **O PAPEL DO CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO NO CONTEXTO DA REFORMA DO ENSINO MÉDIO**

As manifestações para a reinserção da disciplina de Sociologia no ensino médio ocorreram de maneira forte e ativa durante a década de 1980, em vários estados brasileiros, aproveitando o momento propiciado pela redemocratização do país. Mobilizações sociais ganharam força quando ações de diferentes agentes institucionais e, no Paraná, uma campanha teve à frente o Sindicato dos Sociólogos do Estado do Paraná, envolvendo outras entidades como os órgãos estaduais de educação e as universidades, num esforço de superação do modelo curricular herdado do período da ditadura militar.

Os anos 1980 marcaram um longo ciclo de reformas do sistema de ensino da Educação Básica e os debates e encontros realizados em Londrina e Curitiba, que visavam o retorno do ensino de Sociologia e Filosofia no novo currículo do Ensino Médio, como defendido no 1º Seminário Estadual de Reorganização do Ensino nos níveis Fundamental e Médio, realizado em 1983, relata Silva (2006).

No horizonte das discussões dessas ações políticas estavam a intermitência na trajetória da Sociologia como disciplina no currículo de escolas de Ensino Médio, sujeita às reformas educacionais implementadas pelo governo federal e a regulamentação da profissão de sociólogo. No entanto, o curso de formação da identidade social da Sociologia, sua constituição e manutenção como disciplina no Ensino Médio, certamente foi afetado por sua fraca institucionalização no meio acadêmico paranaense, tal como analisa Oliveira (2006).

Com a conclusão, em 1988, da Proposta de Reestruturação do 2º grau no Paraná, implementada em 1990 oficialmente, a Sociologia não chegou a ser considerada disciplina obrigatória e às escolas foi dada a prerrogativa de implantá-la ou não. Em 1991, foi implantada proposta de conteúdos e metodologias para a Sociologia da Educação nos cursos de magistério da rede estadual, elaborada anteriormente em ação conjunta da Secretaria de Educação do Estado e a Universidade Federal do Paraná. Essa decisão influenciou professores de Sociologia da modalidade de Educação Geral do Ensino Médio, uma vez que não havia um documento nesta linha. (Diretrizes Curriculares da Educação Básica, p. 52)



Durante esse período, diversos seminários e fóruns de discussão foram realizados em conjunto, professores de escolas de 2º grau da rede pública e privada estadual e professores universitários da área de Ciências Sociais.

Outro indicativo deste direcionamento institucional em prol da Sociologia é a elaboração entre 1993 e 1994 de uma proposta de conteúdos, como a diretriz estadual para a Sociologia, sob a responsabilidade de técnicos pedagógicos do Departamento de Ensino de 2º grau da SEED (DESG) com a consultoria de professores de diferentes instituições de Ensino Superior, entre elas: FE-USP; UFSC e UFPR. A proposta, finalizada em 1994, deveria ser disponibilizada para as escolas no ano seguinte, mas alterações políticas no estado impediram esse processo. (Diretrizes Curriculares da Educação Básica- p. 53)

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB), promulgada em 1996, reabre o debate sobre a inclusão da Sociologia no Ensino de 2º grau, que ganhou âmbito nacional. Poucas escolas no Paraná ofertavam a disciplina em seu programa, uma vez que a autonomia das escolas trazia flexibilidade para que cada estabelecimento de ensino criasse novas disciplinas e as incluísse nas respectivas matrizes curriculares. Nesse contexto foi criado, em 1998, na Universidade Estadual de Londrina, um projeto de extensão denominado “A Sociologia no Ensino Médio”, que resultou na implementação da disciplina em todas as escolas do Núcleo Regional da Educação de Londrina no ano de 1999. A experiência, entretanto, não se estendeu às escolas do restante do estado e a presença da Sociologia nos currículos continuou instável.

A disciplina foi incluída na base nacional comum dos currículos em 1997-1998 e introduzida também nas escolas estaduais paranaenses, e em 2000, a determinação da diminuição da carga horária total das aulas semanais fez com que a Sociologia fosse uma das primeiras disciplinas a ser extinta ou a ter sua carga horária diminuída. Em 2001, a Sociologia foi retirada da base nacional comum e voltou a compor a parte diversificada do currículo escolar, reduzindo em cerca de 30 a 40% o número de escolas que ofertavam a disciplina, analisa Silva (2006).

Apesar de todos esses revezes, em 2002 e 2003 a disciplina de Sociologia se manteve em 50% das escolas paranaenses que, a partir de 2005, recebem professores concursados em 2004. Houve um aumento gradativo do número de escolas que ofertavam a Sociologia, situação reforçada pela entrada de sociólogos no quadro próprio do magistério da Rede Estadual de Ensino. (Diretrizes Curriculares da Educação Básica- p. 54)

A obrigatoriedade do ensino da disciplina a partir de 2007, determinada pelo Conselho Nacional de Educação, levou à inclusão da Sociologia em todas as escolas

de Ensino Médio do estado. A escola é livre para determinar a série em que a disciplina será ofertada, mas na instrução normativa n. 015/2006 – SUED/SEED é defendido o princípio de equidade entre as disciplinas, de modo a garantir um mínimo de duas aulas semanais para todas as disciplinas nas séries em que são ofertadas.

A trajetória do ensino da Sociologia, tanto em nível estadual quanto nacional, caracterizada pela descontinuidade e desvalorização, deixou marcas que dificultam a consolidação dessa disciplina no currículo escolar. No âmbito institucional, projetos e parcerias que contemplem a atuação conjunta e mais integrada dos cursos do Ensino Médio e as licenciaturas em Ciências Sociais existentes no estado do Paraná, trariam vitalidade intelectual a ambos os níveis de ensino.

O projeto de lei nº 193/2016, em tramitação no Senado (ano) faz parte de uma ofensiva da direita conservadora reunida na sigla BBB (bancada do boi, da bíblia e da bala), aportada por uma conjuntura de golpes contra todos os setores da sociedade que estão na contramão dos interesses neoliberais.

Muito se tem discutido sobre o Movimento Escola Sem Partido<sup>5</sup> também conhecido como projeto “lei da mordaça”<sup>6</sup>. A superficialidade com a qual são propagadas as falácias não chegam a compreender o fenômeno e/ou sua gênese, e afastam, como prevê o projeto estendido à toda educação básica, o entendimento sobre seu significado e motivações.

A proposta desse movimento é varrer das escolas o espaço para o diálogo, a concepção de uma educação plural e ampla, em que diversas vozes são ouvidas, de diferentes lugares e vivências. Definições já propostas como inerentes ao processo de ensino desde o movimento da Escola Nova, que problematizou o sistema de ensino tradicional e autoritário e todas as grandes contribuições que aí surgiram entre os nomes de Paulo Freire (o qual também recentemente, teve seu nome e teoria atacados por essa bancada conservadora), compreendendo como educação a relação educando e educador na interação com o mundo.

Os porta-vozes deste movimento político preveem assim, como parte significativa da elite brasileira, um retrocesso, buscando incluir nas diretrizes e bases da educação nacional o “Programa Escola sem Partido”, que criminaliza a atuação do

---

<sup>5</sup>[https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1707037&filename=PL+246/2](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037&filename=PL+246/2)

<sup>6</sup> Projeto de Lei 606/2016, conhecido como “Escola Sem Partido” ou “PL da Mordaça”, de autoria do deputado Ricardo Arruda (PSL) e do hoje deputado federal, Felipe Franschini.

educador, inibe as tentativas de diálogo sobre a realidade e nossa possibilidade de alteridade. Além disso, é violento em suas definições sobre desenvolvimento sexual natural e esperado biologicamente (fundamentando-se nos desejos preconceituosos sobre o amadurecimento da sexualidade). A mordaza quer silenciar as discussões sobre gênero, racismo, preconceitos e desigualdades que são experiências dos indivíduos e temas importantes para o crescimento saudável de crianças e jovens.

O corpo do texto vem articulado de modo que distorce o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Constituição para amparar seu conteúdo censor e conservador, baseando-se em uma crença positivista de ensino neutro e imparcial. A mídia tem contribuído para esse pensamento através de discursos, notícias rasas e sem nenhum embasamento.

As propostas para a educação básica do Movimento nasceram de uma ideia na qual os professores estariam convertendo os estudantes em seus “discípulos”, pois nos últimos anos o engajamento dos estudantes tem aumentado, haja vista a defesa das conquistas sociais em torno da educação. Um exemplo disso, foi o movimento de ocupação das escolas secundaristas por alunos da rede pública do estado do Paraná em 2016.

A ação dos alunos produziu uma comoção social, pois o movimento “Não fechem a minha escola” se distanciava da imagem construída pelos meios de comunicação de massas, que apresentam a escola pública como uma instituição sucateada, violenta, frequentada por alunos desinteressados e desmotivados, oriundos de famílias problemáticas. O espaço das escolas foi utilizado para atividades culturais e de formação geridas e planejadas pelos alunos; uma demanda antiga dos estudantes, conquistada apenas durante a ocupação. (SILVA E MEI, 2017)

Nessa perspectiva, é possível destacar que houve intenção dos estudantes em trazer para debate suas reivindicações e, ao mesmo tempo, houve uma certa mobilização.

Segundo a definição de Bernardo Toro (2005, p. 5) “mobilizar é convocar vontades para atuar na busca de um propósito comum, sob uma interpretação e um sentido também compartilhados”. A mobilização, por sua vez, parte da premissa da escolha do indivíduo em querer participar, e que esta escolha é feita a partir do aprendizado e da reflexão crítica da realidade. “Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada.

Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar” (FREIRE, 2014, p. 68).

Nessa perspectiva, o cidadão se vê como responsável e capaz de promover transformações com determinadas atitudes e ações.

O cidadão quando consciente da sua posição e da sua importância na sociedade, e como ator em sua realidade social, tem sua parcela de responsabilidade na manutenção das normas e na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Segundo Freire, a tomada de consciência pode acontecer de uma hora para a outra, todavia a consciência crítica, não, a qual “somente se dá com um processo educativo de conscientização. Este passo exige um trabalho de promoção e crítica” (FREIRE, 2007, p. 39).

Um dos resultados do projeto de intervenção pedagógica Café Filosociológico foi a criação de uma carta manifesto, em que estudantes, professores e alunos se posicionaram diante do contexto, social, político e educacional brasileiro. Essa carta foi publicada no site do evento e também encaminhada à Secretaria de Educação do Estado do Paraná, qual como era de se esperar, não obtivemos nenhum retorno.

Eis a carta na íntegra:

“Colombo/PR, 20 de outubro de 2018:

Nós, estudantes, professores, agentes educacionais I e II e pesquisadores, reunidos no X CAFÉ FILOSOCIOLÓGICO, evento científico-acadêmico, que desde 2009, vem oportunizando espaços formativos no pleito dos estudos filosóficos, sociológicos, históricos, científicos, éticos e estéticos, nos dias 19 e 20 de outubro de 2018, no Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln, afirmamos o ideal na defesa da formação integral e pela garantia dos direitos dos cidadãos, viemos manifestar nosso repúdio aos ataques que a Escola Pública, Laica e Gratuita, tem recebido na atual conjuntura.

Desse modo, expressamos que NÃO aceitamos:

1) A Lei 13.415/2017, que flexibiliza o percurso formativo do ensino médio no país, numa clara retomada de marcos regulatórios anteriores, para atendimento da acumulação flexível; que retiram campos dos conhecimentos científicos obrigatórios para a formação humana integral;

2) A Emenda Constitucional 95 que congela os investimentos públicos em saúde, educação e segurança públicas por vinte anos a partir de 2018;

3) A Reforma Trabalhista que expressa abertura total à terceirização de atividades laborais e pretende, ainda, aprovar leis que, na prática, cassam o direito à aposentadoria da classe trabalhadora e reduzem seus direitos a patamares semelhantes aos vigentes no século 19 e, desse modo, condena o futuro dos jovens brasileiros, da classe que vive do trabalho;

4) O Caráter ideológico das reformas expressa através do PLC 193/16, que propõe o “Programa Escola sem Partido”, considerado uma “Lei da Mordça. Em Outubro de 2016, milhares de estudantes de todo o país se manifestaram contra a, então, Medida Provisória e contra os cortes em investimentos sociais, ambos aprovados, em um movimento que ficou conhecido como Primavera Estudantil. Foi o maior movimento de ocupações urbanas registrado na história ocidental. Mais de 1000 escolas e universidades foram ocupadas pelos estudantes, 816 delas, no Paraná. A repressão do Estado foi violenta; centenas de reintegrações de posse foram realizadas e, no plano ideológico, a mídia conservadora e movimentos ancorados pelo apoio das camadas médias (como o MBL), foram mobilizados e financiados pelo Estado e Empresários a fim de difamar estudantes e descaracterizar os seus ideais legítimos.

5) Quaisquer intimidações, cerceamento das liberdades constitucionais de manifestação e organização e ameaças perpetradas pelo Estado de Exceção.

É por tudo isso que DEFENDEMOS:

1) a busca do processo pedagógico emancipatório na Educação Básica, com o qual as disciplinas de Filosofia e Sociologia e todas as demais áreas do conhecimento que compõem o currículo do Ensino Médio tem contribuído;

2) a reafirmação dos imperativos educacionais da gratuidade, qualidade, laicidade, gestão democrática e atendimento universal, mantendo-os e aprofundando-os na diversidade da realidade escolar brasileira;

3) a reafirmação do caráter realmente público da educação e a clara pactuação constitucional dos entes federados para seu financiamento, somente assim, poderemos falar de qualidade social da educação básica no país;

4) A cultura da paz que somente na base dos princípios democráticos é possível, plantar, germinar e florescer.

E, finalmente, conclamamos a todos e todas a lutar contra a cultura do ódio, do preconceito e de toda discriminação. A nos abraçarmos como um povo diverso sim, na composição étnico-racial, gênero, orientação sexual, religiosa, ideológica, mas

unidos, no respeito, na igualdade de direitos, na luta por um mundo e um Brasil que acreditamos que possa ser para todos e todas.”

Entretanto, as críticas aqui formuladas às reformas não pretendem indicar que devemos manter o Ensino Médio tal qual está, pois existem problemas com relação à qualidade e uma constatada insatisfação dos jovens com este modelo já verificada por vários estudos e manifestada pelos próprios jovens que se mobilizaram por mudanças na etapa entre 2015 e 2016. O fato, é que um novo governo precisa ouvir estes jovens e ser capaz de atender aos seus projetos de vida, além de criar meios efetivos para que os novos currículos atendam às expectativas e demandas dos tempos em que estes vivem. Precisa também ampliar os recursos para o Ensino Médio, investindo na formação de professores e na criação de uma real diversificação da oferta garantindo o ensino presencial e a responsabilidade do Estado pela oferta deste do ensino médio para todos os jovens e estudantes.

No escopo dessa reforma e de maneira bem articulada aos conteúdos da BNCC, o mesmo tratamento incoerente recebido pelas disciplinas de Educação Física e Arte também foi dado a Filosofia e Sociologia, que foram retiradas do ensino médio pela referida medida provisória com a omissão, no corpo do texto, do dispositivo incluído pela lei n. 11.684/2008, que garantia a oferta dessas disciplinas em todas as séries dessa etapa de ensino (Brasil, 2008). A lei n. 13.415/2017 assim prevê em seu parágrafo 2º, artigo 26: “a Base Nacional Comum Curricular referente ao ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (Brasil, 2017).

Além disso, a terceira versão da BNCC, apresentada pelo MEC em 6 de abril de 2017, excluiu temas essenciais para a discussão nas diversas áreas de conhecimento, tais como questões relacionadas ao debate de gênero, efetivando, de forma travestida, a consolidação de uma “escola sem partido”, dispensando, assim, a aprovação do projeto de lei n. 867/2015, que tentava abolir da escola debates sobre gênero, raça, etnia, diversidade, entre outros.

Debates esses, de extrema importância para a formação crítica e humana dos estudantes e temáticas que tem sido debatida ao longo de dez anos desde a implementação do Café Filosociológico, justamente pela relevância de manter de forma disciplinar ou interdisciplinar debates de gênero, raça, entre outros no currículo.

O posicionamento do MEC, ao suprimir conceitos e temáticas fundamentais para a promoção dos direitos humanos e valorização das diversidades, em um país marcado pelo machismo, pela homofobia e a misoginia, ignora o fato de que nas instituições educativas e fora delas pessoas são marginalizadas e vítimas de preconceito e violência e, por consequência, abandonam a vida escolar e/ ou têm tolhidas inúmeras oportunidades de vida. (Coordenação do Fórum Nacional, 2017)

O projeto Café Filosociológico do Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln ocorre anualmente por ter uma grande articulação de professores de Sociologia, Filosofia e História, bem como o apoio da equipe diretiva e pedagógica, e também por meio do engajamento de estudantes. O cenário político atual, deixa questões, principalmente no campo educacional com a Reforma do Ensino Médio instáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensando em uma forma de consolidação e legitimidade da disciplina de sociologia no ensino médio, em 2008 surge o projeto Café Filosociológico, como uma intervenção pedagógica que visa estimular o pensamento crítico no âmbito das ciências humanas, principalmente nas disciplinas de sociologia, filosofia e história, porém ao longo da sua trajetória outras disciplinas reconheceram a relevância do projeto e passaram a aderir-lo. Além de visar a criticidade, a intervenção tem como objetivo trabalhar os autores clássicos da área de conhecimento mencionada, e abordar os conteúdos tidos como transversais, como direitos humanos, questões de gênero, étnico raciais, indígenas, ambientais, entre outros.

Ao longo desses dez anos de implementação, “evento” inclusive já consolidado no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln, inúmeros são os aspectos positivos a serem mencionados. Muitos alunos relatam que as obras trabalhadas no “Café” foram cobradas em processos seletivos, como no Exame Nacional do Ensino Médio ENEM, e Vestibulares de diversas instituições de ensino superior. Outros relatam que o “Café” abordou conteúdos que em sala de aula não foram trabalhados ou estudados superficialmente. Por fim, a interação entre professores, alunos, ex alunos e comunidade em geral é um dos maiores ganhos desse projeto de intervenção pedagógica.

Pontuo aqui, ainda que brevemente, a satisfação de ver outras escolas de Colombo implementarem projetos de intervenção, seguindo o formato do Café Filosociológico, estabelecendo os mesmos objetivos e, é claro, adaptando-se à realidade de cada instituição. Em outubro de 2019, pude participar como palestrante do projeto “Ali no Baldo”, pois uma professora de Sociologia que havia participado anteriormente do café, achou válida a prática de intervenção e resolveu implementá-la na escola que atua. Foi uma experiência satisfatória, pois pude analisar a intervenção de um outro ponto de vista.

O café Filosociológico contribui com a minha prática docente? Certamente sim, o fato de ter que preparar as aulas, dedicar tempo para as leituras, conhecer os/as autores/as e suas contribuições, ter um olhar para as temáticas tratadas nas diferentes edições que o café oportunizou. Quando eu digo me apropriar da leitura,



não são apenas os textos de sociologia, mas também das disciplinas que compõem essa interdisciplinaridade, seja ela a Filosofia, a História, a Biologia, entre outras.

Penso também que algo muito positivo é que os professores ligados diretamente ao Café, estão em constante processo de formação. Temos quatro professores com mestrados em andamento, dois professores com mestrado e um com o doutorado concluído. Isso traz um grande diferencial, afinal para que, e para quem serve o seu/meu/nosso conhecimento? Pois uma coisa é a pesquisa feita no campo acadêmico, outra é como podemos adaptar este conhecimento, a fim de atingir nosso público de Ensino Médio. Aproximar a escola pública da universidade é desafiador, porém pode ser propulsor de grandes mecanismos de ensino e aprendizagem.

Recentemente o projeto passou por duras críticas, principalmente por setores mais conservadores da escola (alunos e principalmente professores) que justificam o seu posicionamento ao alegarem que o Café discute temas que “doutrinam os alunos” a um pensamento marxista ou político de esquerda. Esse ano em específico dois professores envolvidos na coordenação do evento foram denunciados na ouvidoria da Secretaria do Estado da Educação do Paraná. Os mesmos tiveram que responder por essas denúncias.

O Café Filosociológico é, então, um evento político? Sim, mas não em termos de política partidária, e sim na lógica de uma política de vida, que cumpre a atribuição imanente à educação de modo geral e à Sociologia, particularmente: a de formar sujeitos capazes de reconhecer a realidade onde habitam e assumir atitudes frente a ela. De outra forma, contra as acusações que recaem sobre o projeto, recolocamos as mesmas tensões nele tratadas: porque discutir políticas voltadas para as minorias causa esse “incômodo”? Por que seria errado que a escola investisse em estudar a organização socioeconômica e política de uma nação ou a forma de estruturação e interação produtiva internacional, e as políticas públicas e seus efeitos sobre o cotidiano popular a partir de um leque de teorias clássicas e contemporâneas?

Negar-se a estudar esses temas não seria um cuidado, mas sim uma negligência educacional que não pode ser admitida. É justamente nesse viés que o projeto se firma, mas ao fazê-lo atrita com as disputas ideológicas contemporâneas que impactam sobre o processo escolar. Apesar disso, a relevância do Café Filosociológico para a formação intelectual e crítica dos alunos do ensino médio tem sido confirmada ao longo dessa década de experiência e se faz expressa no relato de

alunos, ex-alunos e professores participantes que nos leva a indicar a validade dessa ação pedagógica, mesmo em meio a essa “instabilidade” no plano político e educacional que vivenciamos atualmente.

Para o ano de 2020 o 11º Café Filosociológico está em andamento e o tema central escolhido será “Textos e Contextos”, discutir o contexto político, econômico, social, educacional e cultural que o Brasil enfrenta atualmente será um grande desafio, porém faz-se necessário. As obras a serem abordadas pela disciplina de Sociologia serão: “*Sejamos todos feministas*” da escritora Nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie e “*Erguer a Voz: pensar como feminista, pensar como negra*” da escritora, educadora, feminista e ativista social estadunidense Bell Hooks. As demais informações sobre essa edição poderá ser acompanhada no site: <https://www.cafefilosociologico.com.br/>.

Os frutos dessa Intervenção Pedagógica legitimam o desejo de que o projeto Café Filosociológico possa continuar ativo, fortalecido, e que cada vez mais possamos mostrar aos estudantes a relevância do ensino da Sociologia e da Filosofia para uma formação humana, voltada para a cidadania, portadora de uma atitude democrática que reconhece direitos e respeita pluralidades e diferenças.

## REFERÊNCIAS

ARCO-VERDE, Yvelise Freitas de Souza. Apresentação da obra. In: MARÇAL, Jairo (Org.). **Antologia de textos filosóficos**. Curitiba: SEED-Pr, 2009.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. “Sociologia: ensino e estudo”. **Sociologia**. Vol. XI, n.3. Setembro, 1949.

CARNIEL, Fagner; BUENO, Zuleika de Paula. O ensino de sociologia e seus públicos. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, [online], June, 2018.

Coordenação do Fórum Nacional de Educação. **Nota do FNE sobre a BNCC** — 10 de abril. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação — ANPEd, 13 abr. 2017.

COSTA PINTO, Luis. Ensino da Sociologia nas escolas secundárias. **Sociologia**. Vol. XI, n.3. Setembro, 1949.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. O Ensino da Sociologia na Escola Secundária Brasileira. In: **I Congresso Brasileiro de Sociologia**. São Paulo, 1954.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso janeiro de 2020

LIMA, Marcelo. MACIEL, Samanta L. A reforma do Ensino Médio do governo Temer: corrosão do direito à educação no contexto de crise do capital no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. 2018.

LOPES; MACEDO (Orgs.) A estabilidade do currículo disciplinar: o caso das ciências. In: **Disciplinas e integração curricular**: história e políticas. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2002.

MEUCCI, Simone. Sociologia na educação básica no Brasil: um balanço da experiência remota e recente. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 3, p. 251-260, set./dez., 2015.

MORAES, Amaury. Ensino de sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, set./dez., 2011.

OLIVEIRA, M. (Org.) As Ciências Sociais no Paraná. Curitiba: Pretexto, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Sociologia**. Curitiba, PR: SEED, 2008.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. In: **Cronos**. Natal-RN, v.08, n. 02, p. 403-427, jul./dez., 2007.

SILVA, I. **Das fronteiras entre ciência e educação escolar**: as configurações do ensino das Ciências Sociais/Sociologia, no Estado do Paraná (1970-2002). São Paulo, 2006. 280 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo.

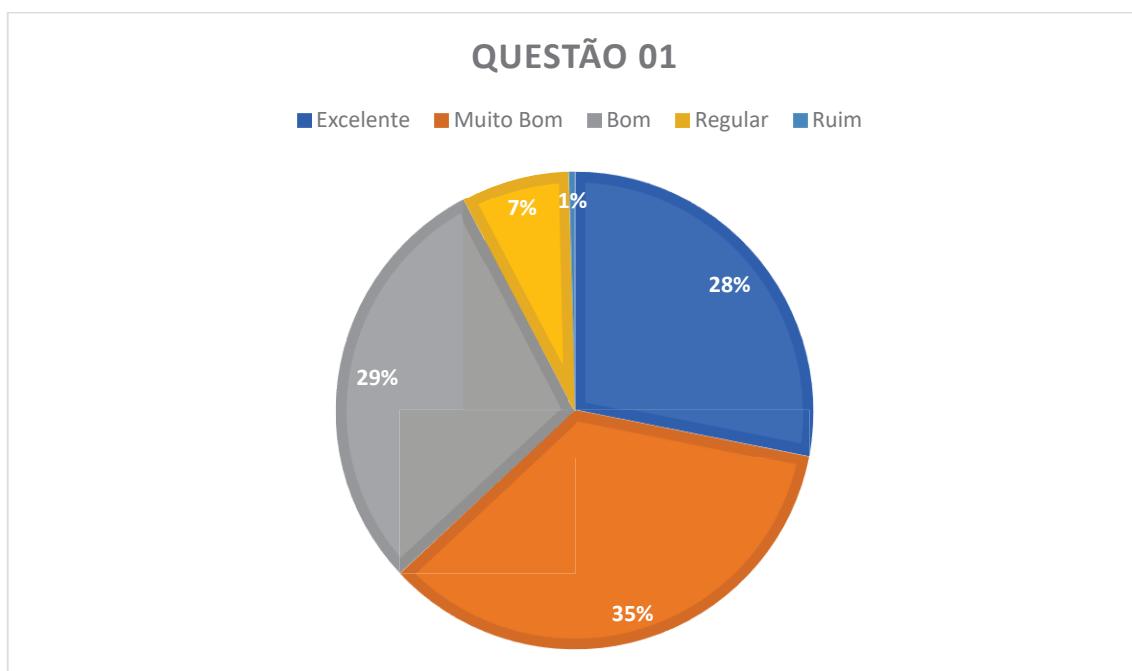
SILVA, João Paulo S. MEI, Danielle S. **O que aprendemos das ocupações nas escolas em 2015 e 2016**. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

SOUZA, L. A. A.; MANGINELI, F. Currículo escolar e ensino de sociologia no Paraná. In: HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. ; FRAGA, A. B. (Orgs.). **Conhecimento escolar e ensino de sociologia**: instituições, práticas e percepções. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

TORO, José Bernardo. **A construção do público**: cidadania, democracia e participação. Seleção de textos e organização: Cristina Duarte Werneck e Nísia Duarte Werneck. Rio de Janeiro: Editora Senac, 2005.

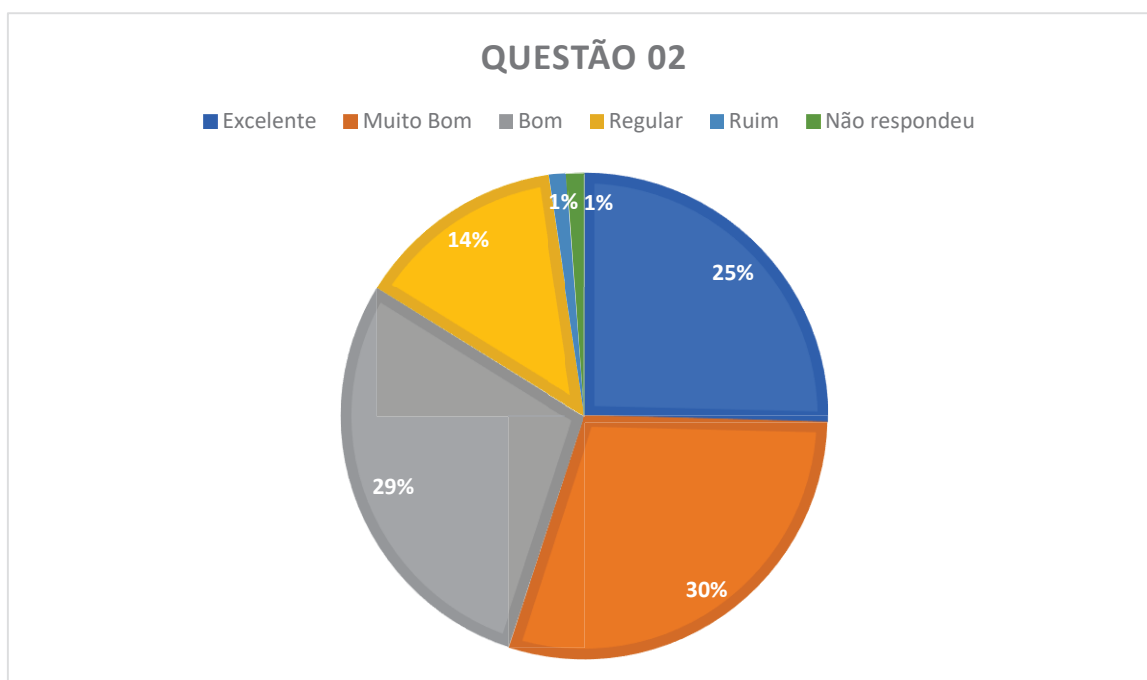
## APÊNDICES

**Gráfico 1 - Avaliação do site do café filosociológico**

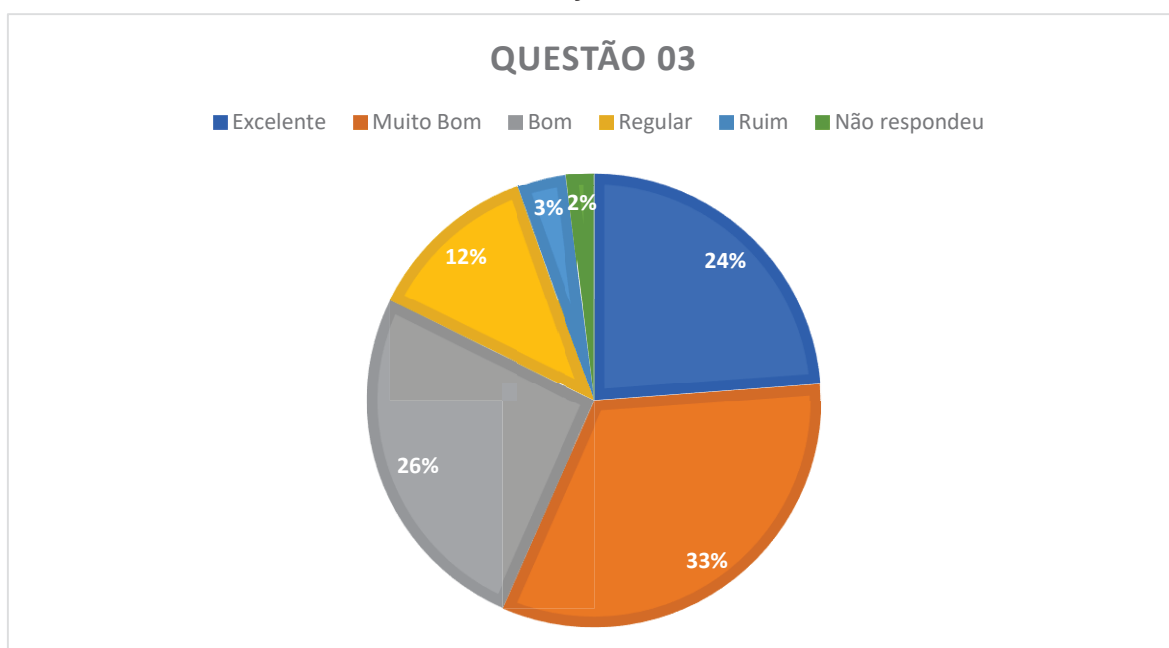


Fonte: A autora (2020)

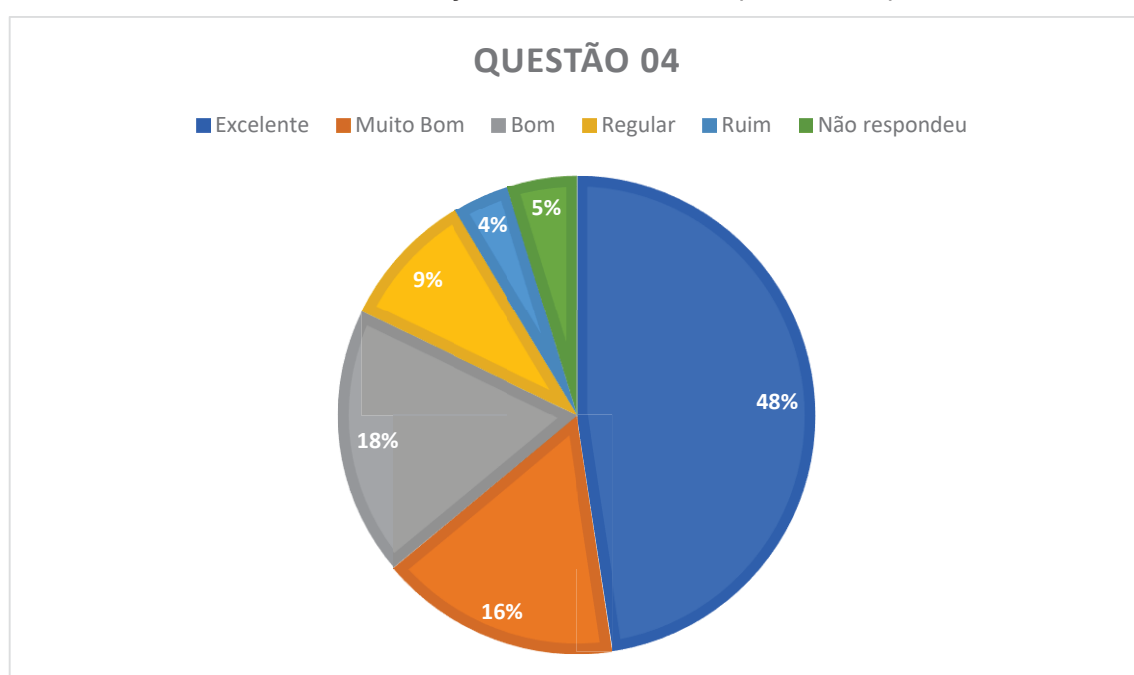
**Gráfico 2 - Posicionamento dos alunos sobre a prévia do café filosociológico**



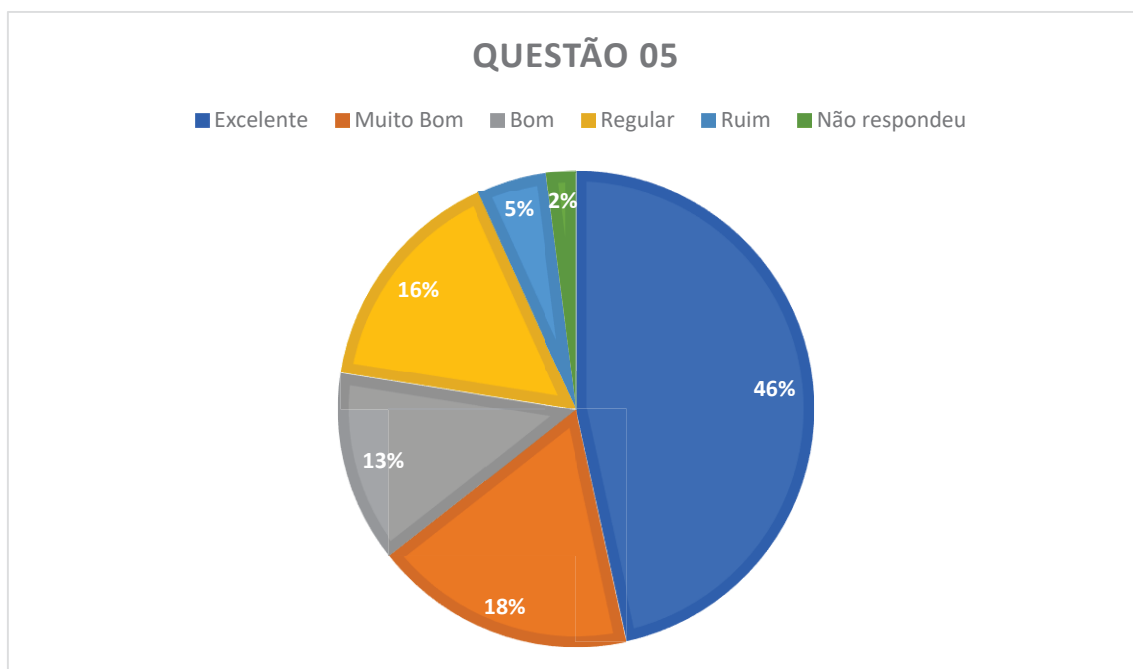
Fonte: A autora (2020)

**Gráfico 3 - Avaliação da roda de conversa**

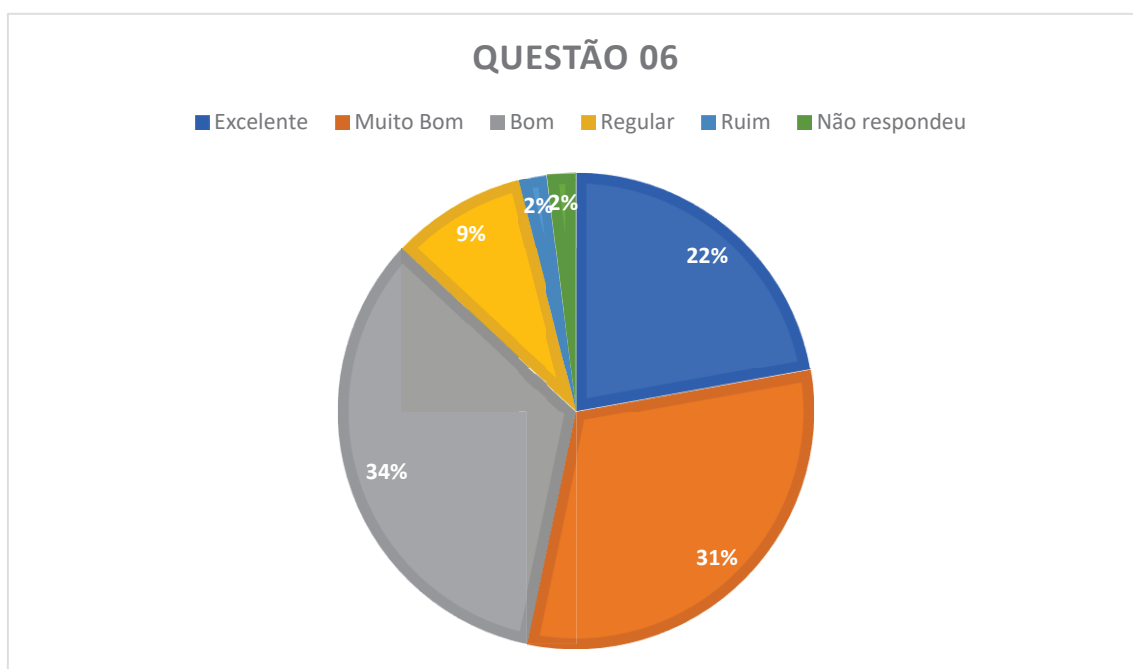
Fonte: A autora (2020)

**Gráfico 4 - Avaliação da sala temática no primeiro tempo**

Fonte: A autora (2020)

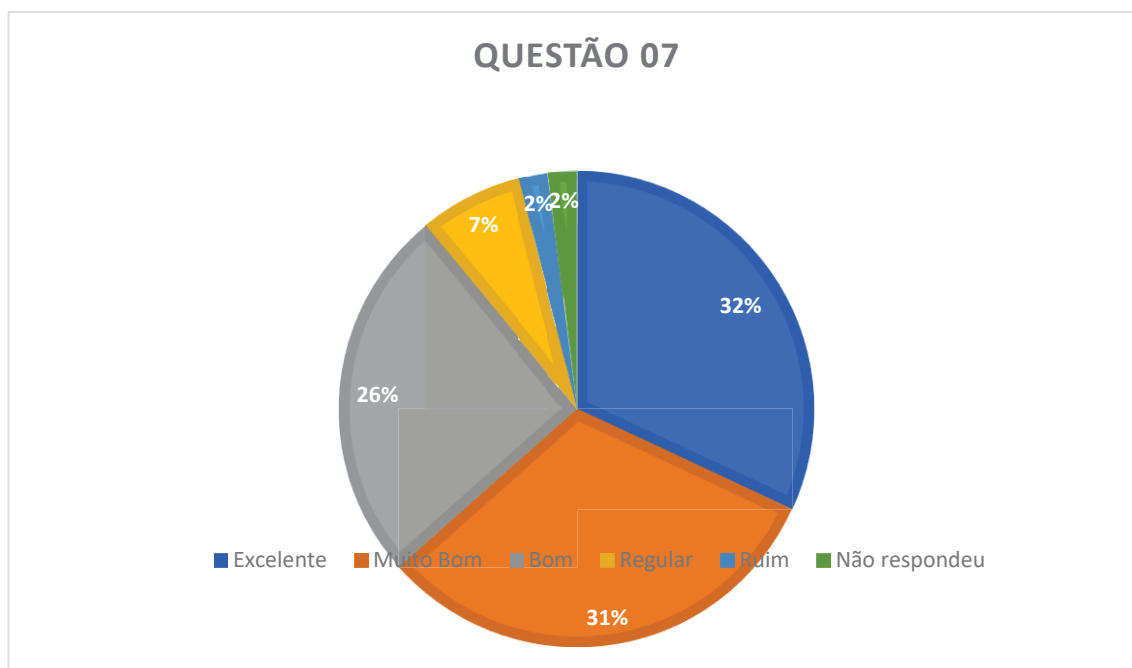
**Gráfico 5 - Avaliação da sala temática no segundo tempo**

Fonte: A autora (2020)

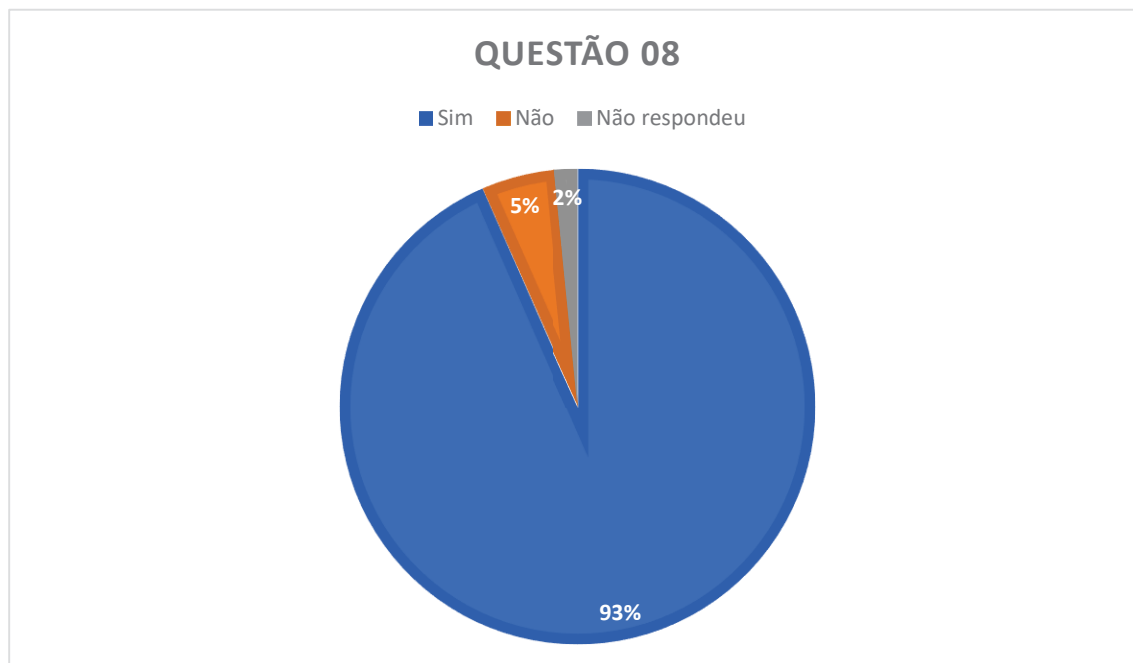
**Gráfico 6 - Avaliação do local do evento**

Fonte: A autora (2020)



**Gráfico 7 - Organização estrutural do evento**

Fonte: A autora (2020)

**Gráfico 8 - Recomendação do café filosociológico**

Fonte: A autora (2020)

## ANEXOS

IMAGEM 1 - Cartaz de divulgação do X Café Filosociológico Agosto/2018.



**Edição Comemorativa: A Escola que queremos**

## 19/20out18



Localiza vencedor do concurso do  
X Café Filosociológico – a escola que queremos:  
Estudante Jonathan da Silva Adolfo  
da 2ª série E do Ensino Médio.

www.cafefilosociologico.com.br

### Programação

**19/10/2018 (sexta-feira)**

18h - Credenciamento e Mostra Científica e Cultural  
19h - Abertura: Banda Os Lincolns  
19h30 - Roda de Conversa: A Escola que queremos!  
21h30 - Coquetel  
22h - Encerramento da noite.

**20/10/2018 (sábado)**

08h - Salas Temáticas (1º Tempo)  
09h15 - Café com conversa e Mostra Científica e Cultural  
09h45 - Salas Temáticas (2º Tempo)  
11h - Carta Manifesto X Café Filosociológico A Escola que queremos!  
11h30 - Encerramento do evento.

### Inscrição

**De 01 de setembro a 08 de outubro de 2018**

Os participantes deverão:

- Acessar o site;
- Localizar a aba "Inscrição";
- Preencher os dados solicitados;
- Clicar em "Enviar".

Serão reservadas as primeiras **35 vagas** por sala temática e **50 vagas** para os participantes externos, que devem ser confirmadas por meio do pagamento da Taxa de Inscrição de **R\$20,00**, na Biblioteca do Colégio (horário antes das aulas e/ou no intervalo/recreio).

O participante deverá escolher 01 sala temática para o 1º tempo e 01 sala temática para o 2º tempo. (Não haverá possibilidade de troca das salas temáticas, posteriormente às inscrições).



## Colégio Estadual Presidente Abraham Lincoln

Rua Zacharias de Paula Xavier, 561, Centro  
Colombo - PR



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

**IMAGEM 2** - Banner referente ao X Café Filosociológico – outubro/2018.



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

**IMAGEM 3** - Mesa de abertura do Café Filosociológico- Outubro/2018.



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>



**IMAGEM 4** - Encerramento do Café Filosociológico e leitura da carta manifesto-outubro/2018.



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

**IMAGEM 5** - Aprovação da carta manifesto, construída ao longo do X Café Filosociológico-outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>

**IMAGEM 6** - Abertura do X Café Filosociológico com apresentações culturais e artísticas-  
outubro/2018



Fonte: Abraham Colombo: <https://www.facebook.com/cepal.lincoln.3>